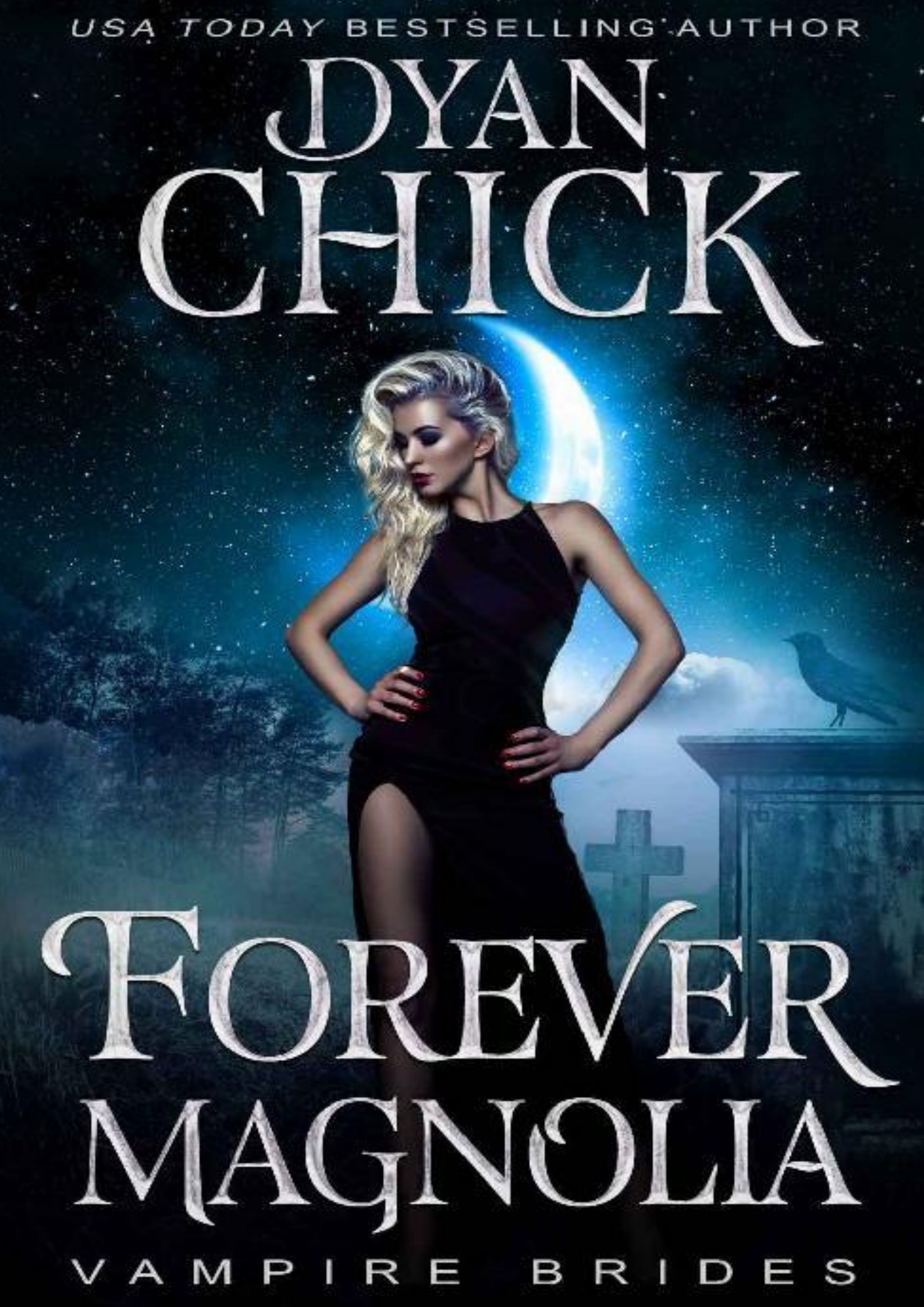
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DYAN CHICK



FOREVER MAGNOLIA

VAMPIRE BRIDES

PRÓXIMOS

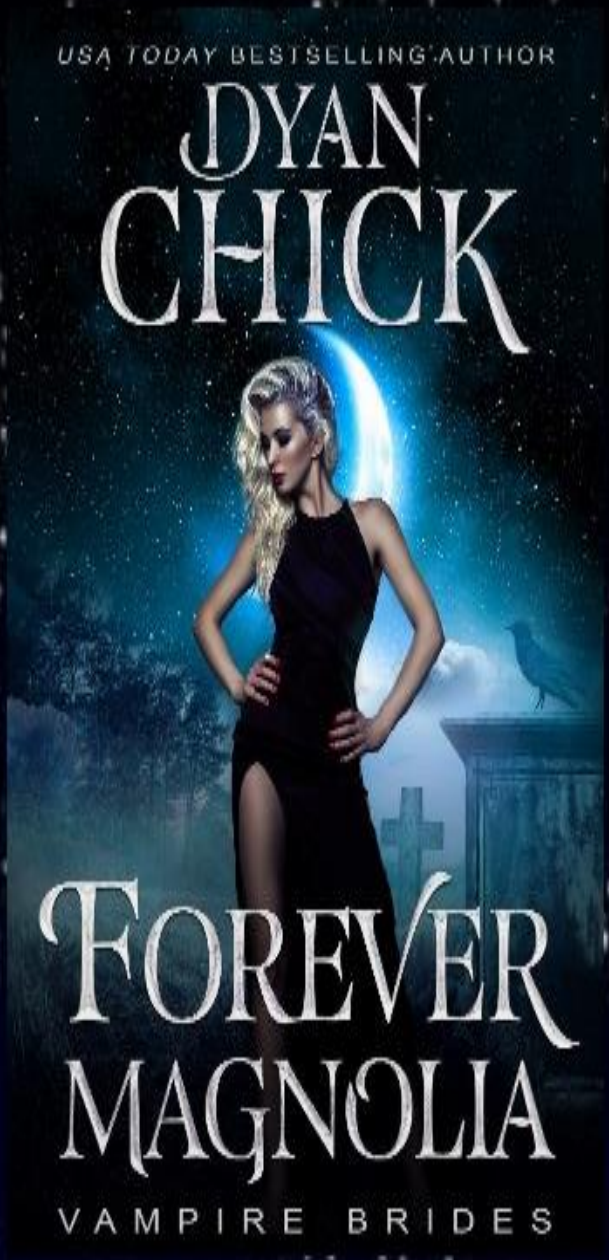


FOREVER MAGNOLIA



KEEPERS OF THE BOOK'S

LANÇAMENTO



DISTRIBUIDO



AVISOS

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Keepers Oh The Book's, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo Keepers Oh The Book's, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos.

Todo aquele que tiver acesso a presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo Keepers Oh The Book's de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

FOREVER MAGNOLIA

KEEPERS OF THE BOOK'S

STAFF

Tradução: Athenna Keepers

Revisão Inicial: Ailee Keepers

Revisão Final: Drika Keepers

Leitura e Conferência: Ayla Keepers

Formatação: Aysha Keepers



DYAN CHICK
VAMPIRE BRIDES

FOREVER MAGNOLIA

Eles dizem que você não pode voltar para casa.

Bem, eu fiz, e eu sei que vai ser péssimo.

Especialmente quando minha primeira noite de volta, eu encontro um cemitério com um vampiro sexy. Não é exatamente do meu tipo, mas a vida não foi como planejei. E eu só quero sair dessa cidade.

O vampiro sexy está crescendo em mim, mas eu mal o conheço. É exatamente o que digo aos assassinos que me sequestraram. Honestamente. Eu mal conheço o cara que eles estão caçando. Isso não os impede de me usar como isca.

É melhor que esse vampiro sexy valha a pena todo esse problema.



DYAN CHICK
VAMPIRE BRIDES

CAPÍTULO UM

Millie

A casa de mãe minha avó tinha a mesma aparência do dia em que saí. Eu não tinha certeza do que esperava. Eu só tinha saído há cinco anos. Por alguma razão, parecia mais, mas também não o suficiente.

O imenso jardim da frente era dividido por uma longa passarela, alinhada de ambos os lados com fileiras de carvalhos, musgo espanhol pingando de todos os galhos. Criou a sensação de caminhar através de um túnel para alcançar a porta da frente vermelha brilhante. A porta vermelha era o único toque de cor na tradicional casa branca de dois andares.

A casa era antiga, transmitida de geração em geração. Um circulo que eu esperava quebrar. Quando sai da pequena cidade de Heath, com uma população de doze, tudo bem, poderia haver rês mil morando aqui, prometi nunca mais voltar.

— Quer ajuda com suas malas? Dale, meu motorista de táxi e ex-colega de escola perguntou.

— Eu estou bem, eu disse.

— É bom vê-la de volta à cidade, Millie, sentimos sua falta por aí.



— Essa foi uma das maiores razões pelas quais saí. Em uma cidade tão pequena, todo mundo conhecia todo mundo. Eu me preparei mentalmente para o que viria.

— Lamento saber que você foi dispensada, disse ele. Aqueles caras da cidade não sabem como tratar uma mulher.

— E aí estava. A confirmação de que minha avó já havia dito a todos que eu havia perdido o emprego e perdido o namorado, e estava voltando para casa com o rabo entre as pernas. Eu era como uma música country ruim. Só que era muito menos divertido quando era a sua vida. E quando você estava sóbria.

— Dale bateu o porta-malas do carro e depois se virou para mim. — Se você precisar de um rosto amigável, sabe onde me encontrar.

— Ainda trabalhando no bar? Eu perguntei.

— Sim. Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça da frente, polegares através das presilhas do cinto. Eles me fizeram gerente assistente no ano passado.

— Uau, parabéns, eu disse, esperando que as palavras soassem menos condescendentes para ele do que para mim.

— Ele sorriu mais largo, nem mesmo captando o menor insulto no meu tom. Ele estava legitimamente orgulhoso de trabalhar no mesmo bar em que ele era ajudante de garçom enquanto estávamos no ensino médio.

— Naquela época, o trabalho tinha sido bem legal. Ele ganhava dinheiro decente e sempre tinha bebida para levar



para as festas. Ele dizia que roubou, mas eu tinha certeza de que os donos indulgentes, que não acreditavam no homem que insistiu para beber, que ele faria isso, e deixavam passar.

Hearth era um lugar estranho. Sempre me senti uma estranha aqui, mas nunca soube o por que. Eu esperava que uma mudança de cenário resolvesse isso. Para ser sincera, eu me senti ainda mais vazia em Chicago. Mas eu nunca admitiria isso para ninguém. Você pensaria que um relacionamento comprometido com um dos CEOs mais jovens do país me ajudaria a me sentir realizada. Alerta de spoiler: não foi.

— Vai ficar por um tempo? Dale perguntou.

— Não tenho certeza. Peguei minha mala, esperando terminar a conversa.

— Dale pegou minha segunda mala antes que eu pudesse pega-la. Que tipo de cavalheiro eu seria se a obrigasse a carrega-las?

— Um que vive no século XXI, eu disse. Você não precisa jogar esses valores antiquados em mim, Dale.

— Eu não estou, disse ele, indo em direção à porta da frente. Eu deixei você carregar uma mala você mesma.

— Certo, eu resmunguei. — Poderosamente moderno de sua parte.

— Você sabe, as pessoas têm dito que a cidade provavelmente mudou você, mas posso dizer que você ainda é Millie Hunt, a garota que me recusou no baile de formatura.



— Eu estremeci. Eu tinha esquecido disso. Mas Dale não era exatamente um problema e eu estava de olho em outra pessoa na época. — Me desculpe por isso.

— Não se preocupe, senhorita Millie, disse ele. Se você e eu tivéssemos saído, duvido que me casaria no próximo mês.

— Oh, parei em frente à porta, Parabéns, Dale.

— Eu convidaria você, mas Patrícia nunca gostou de você, disse ele.

— Isso era verdade. E Patrícia estava louca. Esse casamento provavelmente teria disparado espingardas, mesmo que a noiva não estivesse grávida. — Você é um homem inteligente, Dale. Mantenha sua garota feliz e vocês percorrerão um longo caminho juntos.

— Você sabe, eu posso perguntar a ela se você quiser. Quero dizer, a cidade inteira estará lá. Pode ser um pouco estranho sem ninguém com quem conversar.

Tenho certeza de que vou sobreviver, e disse, sem mascarar o sarcasmo. Por dentro, eu esperava que ainda não estivesse aqui.

Dale colocou a mala que estava carregando e tocou a campainha para mim.

— Fiquei em um silêncio desconfortável ao lado dele enquanto esperava minha avó atender a porta. Mudando o peso da mala de uma mão para a outra, eu fiz uma careta. Por que diabos estava demorando tanto?

Finalmente, a porta se abriu e minha avô, cabelos com cachos perfeitos em volta da cabeça, rosto cheio de maquiagem e roupas perfeitas, olhou para mim. Afinal, foi o



que ela fez de melhor. Eu fique decepcionada com ela, tinha sido uma decepção para ela, desde que me mudei depois que meus pais morreram quando eu tinha doze anos.

— Millie Mae, por que você demorou tanto? Ela perguntou, as mãos nos quadris. Então, sua expressão se suavizou quando avistou Dale. — Dale Hawthorne, você é tão cavalheiro!

— Não é nada, Srta. Hunt. Acabei de dar uma carona para Millie do aeroporto. Dale levantou a mala. — Posso?

Minha avó se afastou para que Dale pudesse colocar a mala no saguão.

— Você sabe, é uma pena que você tenha noivado, Dale. Tenho certeza de que um homem legal como você, com bons valores do sul, é exatamente o que minha Millie precisa.

— Eu posso cuidar da minha própria vida amorosa, obrigado, eu disse. — E obrigado pela carona, Dale.

— A qualquer momento, Millie. Dale acenou. Tenha uma boa noite, Srta. Hunt.

— Minha avó e eu ficamos em silêncio por um momento enquanto Dale se afastava da casa. Meus níveis de ansiedade já estavam aumentando. Eu precisaria colocar álcool no meu quarto em breve. Fechei os olhos e respirei fundo. Eu tinha 26 anos. Eu não deveria ter que contrabandear álcool em qualquer lugar. No entanto, aqui estava eu, de volta á sede para a maldita proibição.

— O carro de Dale deu partida e eu acenei, forçando um sorriso alegre no meu rosto.



— Bem, você pode não fazer as melhores escolhas em sua vida amorosa, Millie Mae, mas graças a Deus você nunca se estabeleceu com um perdedor como esse.

— Meus olhos se arregalaram e me virei para encarar minha avó. — Diga novamente?

— Oh, você me ouviu, disse ela, acenando com a mão com desdém. — Vamos, estamos atrasadas para o jantar no clube.

Eu nunca tinha ouvido minha avó dizer algo ruim sobre alguém antes. — Você está se sentindo bem?

Ela fechou a porta atrás de nós e depois se virou para olhar para mim, levantando uma sobrancelha. — Millie Mae, eu posso não estar feliz com suas decisões o tempo todo, mas com certeza não vou passar o legado dessa família a um garçom.

— Eu fiz uma careta. Ela voltou a me dizer o que eu podia ou não fazer, citando o legado da família como o jogo final. Não importava quantas vezes eu lhe disse que não me importava se eu herdaria a monstruosidade de cinco mil quadrados de uma casa, em muitas terras. Eu sabia que deveria querer a riqueza e o status de que ela estava tão orgulhosa, mas essa não era eu. Apenas não parecia certo.

Minha mãe se afastou, me criando em uma casa à beira do rio com dois quartos e uma enorme varanda da frente. Tínhamos um banheiro individual e nosso único espaço para refeições ficava na cozinha ensolarada. A casa era pequena, mas estava cheia de livros, jogos de tabuleiro e



amor. Minha garganta se apertou com a lembrança da minha casa de infância. Meus pais se foram há treze anos. Você pensaria que eu eventualmente pararia de sentir falta deles.

— Limpe-se rapidamente, Millie Mae, disse a avó. — Eu tenho que reintroduzir você na sociedade.

— Vovó, eu não estou realmente em um momento bom, para conhecer pessoas agora, eu disse.

— Acho que não, querida, disse ela. — Você ainda está no período de luto.

— Obrigado, vovó, eu disse.

Ela censurou. — Sério o que eles vão pensar de você, se começar a namorar tão cedo? Já é ruim o suficiente você está morando com o homem. Eu tive que contar a eles que você estava noiva.

Eu balancei minha cabeça, lamentando minha decisão de voltar aqui. Eu não tinha energia para lutar com ela. Eu encarei as escadas em direção ao meu antigo quarto, carregando minha mala de mão comigo. Eu tinha antecipado algo assim e tinha empacotado roupas para vestir. — Me dê dez minutos.

— Não coloque maquiagem demais, ela gritou escada acima.

A porta do meu antigo quarto estava fechada e eu fiquei na frente dela, encarando-a por um minuto inteiro antes de finalmente me abrir. Respirando fundo, entrei.

Tudo parecia o mesmo. Nada foi tocado. Era como se ela soubesse que eu voltaria aqui eventualmente. Bem, isso não



era totalmente verdade. Tudo estava impecável. Como se a empregada continuasse espanando aqui diariamente depois que eu saí.

A auto piedade puxou meu peito, fazendo-me sentir vazia. Como minha vida se deteriorou até agora em tão pouco tempo? Há cinco anos, quando saí daqui, tinha um diploma genérico em negócios e uma cabeça cheia de sonhos.

Larguei a mala de mão ao lado da cômoda branca e comecei a tirar minhas roupas usadas de viagem enquanto caminhava em direção ao banheiro privativo. Havia vantagens na casa da minha avó rica. Enquanto lamentava a falta de simplicidade que tive quando criança, sabia que minha adolescência teria sido muito menos agradável se eu tivesse que dividir um banheiro com os meus pais.

Joguei água no meu rosto e tirei uma toalha rosa macia com um padrão de concha. Então, vasculhei a gaveta e encontrei a escova prateada brilhante que havia deixado pra trás. Era um presente de aniversário de dezesseis anos e, embora fosse bonito, não era a melhor coisa para passar pelo meu cabelo loiro e grosso.

Finalmente, voltei para o quarto e puxei o que esperava ser um vestido azul de bom gosto. Era um dos três vestidos que eu guardara da minha vida passada aqui. Todo o resto foi substituído e nenhuma das minhas roupas novas seria aceitável ou necessária aqui.

— Millie, a avó chamou. — Estamos atrasadas.

— Eu estou indo agora. Peguei minha bolsa de onde a enfiei na mala de mão e caminhei até a porta.



FOREVER MAGNOLIA

Eu me acomodei no banco do passageiro do Bentley da minha avó. Eu estava aqui há menos de uma hora e já precisava planejar minha fuga. Eu realmente esperava que eles tivessem vodka suficiente no clube para me ajudar a esquecer o resto da noite.



DYAN CHICK
VAMPIRE BRIDES

CAPÍTULO DOIS

Beau

A casa cheirava a bolas de mariposa e a Chanel Número Cinco. Isso me lembrou a década de1940, uma década que eu havia passado longe da guerra, bebendo com em Nova York. Não era um momento que eu gostava de lembrar. Mas, novamente, todos nós tivemos partes sombrias em nossa história. Especialmente quando você viveu tanto quanto eu.

Duzentos e vinte e seis anos. Foi por quanto tempo esta casa, abandonada por Deus, permaneceu. E já fazia pelo menos um século desde a última vez que me preocupei em visitá-la. Fiquei tentado a ir embora e não reivindicar o local. Em vez de passá-lo para a família, ele desapareceria no esquecimento, vendido pelo melhor lance. Provavelmente alguém derrubaria a casa e construiria um hotel. Parte de mim pensou que talvez eu devesse fazer isso sozinho.

A terra era cobiçada, doze acres de paisagem intocada a menos de 1,6 km de algumas das melhores pescarias do mundo. Se não fosse o antigo local de Hunt, todo o bairro provavelmente não passaria de turistas agora. Em vez disso, os dois lembretes antigos de tempos remotos pareciam sentinelas, guardando algumas das últimas terras intocadas ao longo do rio.

Eu já tinha visto bastante ganância em minha vida para saber que nada de bom viria da venda da propriedade. Minha melhor aposta foi vasculhar a árvore genealógica e descobrir



quem poderia estar perdendo sua herança. A família Miller sempre teve seu quinhão de escândalo e eu tinha certeza de que encontraria alguém que fora cortado por vontade própria ou mandado embora para viver com uma família obscura.

A última vez que tive que investigar o passado para encontrar nesta casa um novo proprietário, não havia internet. Desta vez, eu tinha certeza de que seria mais fácil. O que exatamente era o que eu queria. Quanto menos tempo eu tiver que passar aqui, melhor.

Fechei a pasta pela qual estava olhando e me levantei, esticando meus braços para o céu. Talvez eu não precise respirar, mas ainda fiquei duro quando fiquei sentado demais. Fui até a janela fortemente coberta e olhei para a fenda da luz do sol que se soltou da cobertura. Formava uma poça de ouro no chão de madeira polida e eu podia ver partículas de poeira flutuando na luz.

Franzindo a testa, eu me virei e me afastei da janela. Eu já estava acordado há uma hora, mas o sol ainda não havia se posto. Eu ansiava pelo inverno com seus dias mais curtos.

Sentindo-me inquieto, voltei para o quarto de hóspedes onde havia me acomodado. Eu estava aqui há quase dois dias e não tinha caçado. Esta noite, eu precisava parecer no meu melhor. Estava na hora de me alimentar.

Eu ainda podia sentir o gosto do sangue na minha língua, enquanto cortava o cemitério na minha volta da cidade. Não foi difícil encontrar alguém para me dar alguns goles de sangue. A compulsão veio fácil para mim e, além da



década em que decidi experimentar a emoção da perseguição, era a minha maneira preferida de fazer uma refeição.

A lua crescente não lançava muita luz sobre o cemitério em ruínas, mas me vi viajando em direção à tumba da família. Meus pais já estavam mortos quando me transformei e, por causa da guerra, nunca tive a chance de me casar, não havia nada me amarrando aqui, além do meu ego. Por mais que eu dissesse a mim mesmo que estava pronto para deixar tudo isso ir embora e me afastar do meu passado, algo sempre parecia me arrastar de volta para cá.

As lápides nesta parte do cemitério estavam afundando e algumas delas foram derrubadas. A maioria delas era difícil de ler, especialmente na penumbra, mas eu ainda sabia exatamente onde estava.

Passei a mão pelo cabelo e tentei sacudir a sensação desse lugar. Por que eu continuava voltando para Hearth? Eu tinha conseguido ficar fora quase um século dessa vez, mas não parecia suficiente.

— Merda, a voz de uma mulher cortou o ar parado da noite. Por um momento, os grilos ficaram quietos, então o coro soou novamente.

Eu me virei e avistei o movimento além de uma tumba especialmente estranha. Um que foi coroado por um anjo com chifres levemente pontudos saindo de sua cabeça. Era uma adição mais nova ao cemitério e me fez pensar que quem o fez, tinha um senso de humor perverso ou fazia compras na



seção de afastamento do departamento de lápides do Walmart.

— Isso é apenas..., disse a mulher.

Cheguei mais perto, finalmente vislumbrando uma mulher em um vestido de verão. Suas pernas estavam cobertas de lama e ela parecia estar lutando.

— Você precisa de alguma ajuda?

Ela gritou, depois cobriu o coração com a mão. — Oh meu Deus, você me assustou.

— Desculpa. Eu levantei minhas mãos em falsa rendição. — Eu não quero lhe fazer mal nenhum.

— Disse o cara assustador andando sozinho no cemitério, disse ela.

Eu levantei uma sobrancelha e olhei para ela, confuso. — Parece que eu não fui o único que pegou o atalho pelo cemitério.

Ela fez uma careta. — Bem, nunca faça isso de novo.

Foi quando notei que ela estava lutando para tirar o pé da lama. O calcanhar de seu sapato deve ter passado por ele.

Fui até ela. — Posso?

Ela se endireitou e soltou um suspiro frustrado. Suas mãos estavam cobertas de lama ao tentar desenterrar o sapato, que afundara profundamente na terra macia, engolindo o pé. — Por favor.

— Segure-se em mim, eu disse.

Ela hesitou, aparentemente dividida entre aceitar ajuda de um estranho ou ficar presa.

— Eu não vou morder, eu disse.



Ela deu um aceno quase imperceptível e depois estendeu os braços, colocando as mãos nos meus ombros.

Seu toque era suave e quente, acompanhado por uma leve eletricidade que eu nunca havia sentido antes. A sensação se espalhando pelas minhas costas e pelos meus braços. Eu olhei para ela, a testa franzida.

Ela estava prendendo a respiração.

Se eu ainda respirasse, teria feito o mesmo.

— Havia algo diferente em seu toque e quando meus olhos fizeram contato com os dela, eu congelei. Seu olhar era intenso, seus olhos castanhos me penetrando no meu âmago. Eu tinha estado com muitas mulheres na minha vida, tanto com humanas, quanto com vampiras. Mas eu nunca senti nada assim. Era como se tivéssemos nos conectado em algum lugar antes. — Eu conheço você?

— Acho que não. Ela balançou a cabeça, depois olhou para o chão, me libertando de seu olhar.

Inclinei-me e gentilmente agarrei seu tornozelo magro. — Aguente.

A segurando, puxei seu pé preso. Seu aperto aumentou em mim e eu lutei contra o desejo de olhar de volta para ela.

O pé dela ainda estava preso na lama. Hora de mudar de tática. Coloquei meus braços em volta da cintura dela.

— O que você está fazendo? Ela perguntou, suas palavras se opondo à nossa proximidade enquanto seu corpo se pressionava mais perto de mim. Ela era uma contradição,



e, naquele momento, eu sabia que ela estava sentindo a mesma atração estranha que eu.

Não dei tempo para ela discutir comigo. Em vez disso, eu a puxei, trazendo-a para mais perto de mim quando a levantei da lama. Eu ouvi um estalo como uma ventosa sendo liberada e então nós dois estávamos no chão.

A mulher caiu em cima de mim, nossos braços ainda se abraçando.

— Isso correu bem, eu disse.

Ela riu. Um som musical e melodioso que me fez sorrir. Um sorriso honesto e não fingido. Isso fez minhas bochechas doerem, mas eu não me importei. Eu tinha certeza de que faria qualquer coisa para ouvi-la rir e nem sabia o nome dela.



CAPÍTULO TRÊS

Millie

Meu coração disparou e eu senti calor. O que não fazia nenhum sentido. Eram duas da manhã e, embora estivesse quente o suficiente para usar um vestido aqui, havia um frio no ar. Mas o ar pareceu parar. Tudo parecia pesado e se movia em câmera lenta.

Debaixo de mim, os músculos ficaram tensos e mudaram quando o homem bonito que eu tinha caído em cima sorriu para mim.

— Isso correu bem, disse ele.

Essa foi uma maneira de dizer. Eu sorri de volta para ele e percebi que estava deitada em cima de um estranho perfeito e coberto de lama. Para piorar a situação, estávamos em um cemitério no meio da noite. Comecei a rir. Não havia nada de típico nessa situação. A única opção era rir.

Recuperando o fôlego, me vi atraída pelo estranho debaixo de mim. Ele provavelmente estava perto da minha idade. Talvez alguns anos mais velho. Seu cabelo escuro era uma bagunça sexy e seus olhos escuros brilhavam ao luar. Ele estava barbeado, mostrando a linha forte de sua mandíbula, levando a lábios muito macios e beijáveis.

Eu pisquei e desviei meus olhos dele. Que diabos eu estava pensando? Limpando minha garganta, deslizei meus braços por trás dele e me mexi para que eu pudesse rolar para fora dele. Caí de bunda na lama ao lado dele. C

constrangimento fez minhas bochechas esquentarem e cobri meu rosto com as mãos antes de passar pelo cabelo.

Eu congelei, com as mãos em cima da minha cabeça, quando lembrei que elas estavam cobertas de lama. Ombros caídos, deixei minhas mãos caírem para o meu lado. Figuras. É claro que eu conheceria um homem atraente e depois agiria como uma completa idiota na frente dele.

— Eu sou Beau. Ele estendeu uma mão igualmente enlameada para mim.

Tentei sacudir um pouco da lama da minha, mas era muito grossa. Agarrei sua mão na minha. — Millie.

Ele ficou de pé, segurando minha mão na dele, me ajudando a me levantar. — Você está bem, Millie?

— Além do orgulho ferido? Eu perguntei.

— Não se preocupe, ele disse. — Eu não vou contar a ninguém.

— Obrigado, eu disse. — Mas tenho certeza de que as pegadas lamacentas que levam ao meu quarto vão me denunciar.

Olhei para onde eu tinha ficado presa. Meu sapato ainda estava enterrado na lama. Considerando-se uma causa perdida, me inclinei e tirei o outro. Por um momento, eu me perguntei se deveria empurrá-lo na lama com seu par. Um único sapato não me faria muito bem.

— Minha casa é logo ali. Beau apontou. — Você é bem-vinda para se limpar. Provavelmente, algumas roupas extras



podem ser usadas. Quero dizer, todas elas pertenciam a uma mulher de noventa anos, então não posso atestar o estilo.

— Você está na casa dos Miller? Eu perguntei. — Como é que eu nunca te vi por aqui antes?

— Eu só visitei no verão, eu disse.

Minha testa franziu. Como era possível que este homem estivesse tão perto de mim e nunca nos conhecemos? Hearth era uma cidade pequena.

— Você é neta de Susan? Ele perguntou

— Sim. Você conhece á minha avó?

— Tia Esther falava sobre ela o tempo todo, disse ele.

— Aparentemente sua avó e mia tia- avó passaram momentos difíceis na juventude.

Minha avó tinha sido próxima de Esther. De fato, quando ela ligou para me informar sobre sua morte, foi o mais próximo que eu já ouvi as lágrimas reais da mulher. Ela pode realmente ter chorado com a perda de sua amiga.

— Posso levá-la de volta para casa, pelo menos, se você não aceitar minha oferta? Ele perguntou.

Eu considerei suas palavras. Ele parecia bom o suficiente. E ele era certamente bonito o suficiente para me fazer pensar em tomar algumas decisões ruins com ele. Além disso, minha avó provavelmente reviraria os olhos para eu sair à noite com um homem. Colocar lama no chão traria uma chicotada de sua língua. Prefiro por a prova a minha pureza, do que lidar com a sua ira. — Sua casa parece bom.



Joguei meu outro sapato por cima do ombro enquanto andava descalça na lama. Aparentemente, choveu recentemente o suficiente para que todo o lugar estivesse uma bagunça, mas eu estava tão focada no meu objetivo que não parei para pensar sobre isso. Olhei para o homem bonito na minha frente que acabara de perder um membro de sua família. Ele esteve aqui visitando sua tia-avó morta?

— Você vem aqui frequentemente? Beau perguntou, virando-se para me olhar por cima do ombro.

Eu hesitei. Eu não gostava de vir durante o dia e ver outros enlutados. Isso me deixou triste demais. Mas no meio da noite, o cemitério estava calmo e pacífico. Uma vez eu disse ao meu ex que gostava de prestar homenagem a meus pais à noite. Ele riu e me chamou de instável. Eu fiz uma careta. Essa deveria ter sido minha primeira pista de que ele não estava tão investido no relacionamento quanto eu. Bastardo trapaceiro.

Pensei em inventar uma desculpa para estar aqui. Ser julgado novamente não era algo que eu queria passar. Então, percebi que não tinha nada a provar para esse estranho. Não era como se eu estivesse tentando iniciar um relacionamento. — Eu gosto mais da noite.

— Eu também, disse ele. — É pacífico à noite. Sem lamentações ou expectativas falsas.

— Você é a primeira pessoa que já entendeu isso, eu disse. — Quando meus pais morreram, vim uma vez quando



estava com raiva da fase mundial e gritei com suas lápides. Os olhares que recebi...

— Eu posso imaginar, disse ele. — Mas fica mais fácil, não é?

— O que fica mais fácil? Eu perguntei.

— Lidando com a morte.

— Eu suponho. Eu não estava mais com raiva dos meus pais. Não era culpa deles que não pudessem ver o outro carro no aguaceiro. Às vezes a vida lhe dá uma mão de merda.

— Eu sou o único que resta, disse ele. — Vim ver se consigo encontrar outro parente para dar a casa.

— Você não quer ficar aqui? Eu perguntei. — Você poderia apenas vender o lugar.

— Eu sei que posso, mas isso significou muito para outras pessoas, disse ele.

— Pessoas mortas, eu disse.

Ele riu. — Eu não tenho ideia do por que estou dizendo tudo isso.

Dei de ombros. — Talvez haja algo sobre um cemitério à noite que desperte a honestidade em uma pessoa.

— Ou a loucura, ele disse.

— Isso também. Eu me vi usando minha voz glamorosa. Não foi de propósito, mas eu sabia que ele pegou com base na ligeira hesitação em seu passo.

Eu não deveria estar flertando com um homem estranho que conheci em um cemitério. Pelo que eu sabia, ele era um esquisito que tinha um fetiche com cadáveres. E então lá estava eu, indo voluntariamente para a casa dele.



— Eu sabia que deveria me virar, mas não consegui fazer as partes lógicas do meu cérebro dispararem. Afinal, era Hearth. A pequena cidade sonolenta que fechava nas manhãs de domingo porque todo mundo foi a uma das doze igrejas da cidade. Doze. Para uma população minúscula. E eles estavam todos lotados.

Beau parou de andar e virou-se para olhar para mim. Seus olhos viajaram para baixo e eu sabia que ele estava me olhando. Ele definitivamente captou o perfume da voz sedutora.

Quadrando meus ombros, continuei até ficar ao lado dele. — Tudo certo?

Sem aviso, ele me pegou em seus braços.

Eu gritei, meu corpo todo tenso em suas mãos. — Que diabos!

— Rochas, ele disse.

— O que?

— Olhe para baixo, disse ele.

Eu olhei para baixo. A fronteira do cemitério era um enorme leito de pedra. Teria doído como o inferno andar descalça. Ou levaria uma hora para atravessar se eu conseguisse fazê-lo sem escorregar e quebrar o tornozelo.

— Obrigado.

Minha tensão diminuiu e eu gostei da sensação de seus músculos flexionando enquanto ele caminhava. Por hábito ou porque eu era um psicopata, respirei fundo, tentando cheirar seu perfume. Estranhamente, eu só podia sentir o cheiro da magnólia e madressilva se misturando com o ar



úmido. Minha testa franziu. Beau era diferente dos garotos com quem eu namorava quando morava aqui. E ele era definitivamente diferente dos homens que eu namorei em Chicago. Não era a falta de cheiro, no entanto. Havia algo mais. Algo maior. Eu simplesmente não conseguia saber o que era no momento.

Beau me colocou, gentilmente, na grama. — Nós oficialmente cruzamos a propriedade Miller. Se você preferir ir para casa, é por ali. Ele apontou para a escuridão.

Enquanto os Miller eram nossos vizinhos mais próximos, ainda era uma boa caminhada de quinze minutos. Coberta de lama.

Eu levantei uma sobrancelha, meio que esperando que ele me levantasse novamente e me carregasse para a casa dele chutando e gritando. Eu balancei minha cabeça, me perguntando de onde vinha esse pensamento. — Acho que vou me arriscar aqui.



CAPÍTULO QUATRO

Beau

Tudo sobre ela parecia me chamar. Eu quase podia sentir o fluxo de sangue em suas veias enquanto caminhava ao lado dela em direção a minha casa de família. Ela era a humana mais viva que eu já conheci. Levou toda a minha força de vontade para não rasgar sua garganta ali. Mas eu era um cavalheiro. Eu esperaria por ela, mas estava determinado a tê-la.

— Você pode usar o banheiro de hóspedes, eu disse enquanto caminhava pela porta da frente.

— Oh, Hearth, disse ela, melancólica. — Eu esqueci as portas destrancadas e a sensação saudável deste lugar.

— Onde você vivia antes? Eu perguntei.

— Eu cresci aqui, disse ela. — Mas passei os últimos cinco anos em Chicago tomando más decisões.

Eu ri. — Estive lá.

— Você? Ela perguntou enquanto limpava os pés enlameados no tapete da porta.

— Eu nunca encontrei um lugar para me estabelecer. Nenhum dos lugares em que eu já estive, me fez sentir em casa.

— Você sabe, nem todo mundo entende isso, disse ela, balançando a cabeça. — Eu achava que todo mundo conhecia esse sentimento, mas esse não é o caso.



Eu olhei para ela, atraído por sua beleza, mesmo coberta de lama. Ela andou com graça e poder ao mesmo tempo; ambos seguros de si e cautelosos. Seus longos cabelos loiros eram uma bagunça emaranhada que caía ao redor de seu rosto, fazendo-a parecer que ela acabou de acordar. Foi incrivelmente sexy. Eu me perguntei se ela sabia o que estava fazendo comigo.

— andar de cima? Ela perguntou.

— Sim, segunda porta á esquerda, eu disse.

— Obrigado. Ela sorriu antes de se afastar de mim e subir as escadas.

Eu assisti sua bunda enquanto ela subia. Fazia muito tempo desde que eu tinha estado perto de alguém que ameaçava meus impulsos como Millie. Se eu já não tivesse me alimentado antes de encontrá-la, não sei o que teria acontecido.

Respirei fundo e expirei devagar, forçando-me a ignorar o grito pelo sangue de Millie. Sentindo-me mais calmo, subi as escadas para encontrar algo para vestir.

O som do chuveiro era uma distração bem-vinda para impedir minha mente de ir a lugares que não deveriam. Tudo sobre Millie estava me chamando. Seu perfume, a curva de seus quadris, o som de sua voz. Eu não conseguia tirá-la da minha cabeça. Focalizando a tarefa em mãos, abri a porta da sala que pertencia a Esther Miller, a mulher que eu fingia ter sido minha tia-avó. Na realidade, ela era uma ótima-ótima-ótima sobrinha. Eu nunca tive filhos, mas a irmã e o irmão



que eu deixei para trás se casaram, tiveram filhos e continuaram com o nome de família.

O quarto de Esther cheirava ainda mais forte ao perfume que ela preferia, mas o perfume quase desapareceu quando eu abri o armário.

Vestidos, ternos de calça, blusas e casacos pendurados em uma fileira organizada. Todas as roupas pareciam ter sido congeladas a tempo, lembrando-me do que as pessoas usavam várias décadas atrás. Eu não era especialista em moda, de qualquer maneira, mas até eu sabia que elas estavam desatualizadas.

Vasculhando, encontrei um vestido floral que parecia pequeno o suficiente para encaixar em Millie. Surpreendentemente, ele ainda tinha a etiqueta. Gostaria de saber se alguém teria tentado ajudar Esther a se adaptar ao novo milênio em algum momento. Ou se houve alguém que morasse aqui.

— Minha pesquisa solo nos registros da família não havia revelado nada sobre membros ilegítimos da família até agora. Amanhã eu iria para a cidade. Talvez eu possa escutar fofocas de alguns locais

Bati na porta do banheiro. — Encontrei algo para você usar.

Sem resposta.

Cuidadosamente, abri a porta e espiei dentro.

Millie estava de pé, com a cabeça para baixo, enrolando uma toalha no cabelo molhado. Ela estava de costas para mim e eu podia ver as curvas que eu admirava em toda sua



glória. Suas costas magras levavam a curvas suaves nos quadris e na bunda redonda. Fechei a porta rapidamente, me afastando da porta. Excitado, eu ansiava por me libertar. Fazia muito tempo que a visão de uma mulher me fazia ficar em atenção. Se eu ficasse mais tempo, minha atração seria óbvia para quem visse meu jeans.

Bati de novo, me preparando mentalmente para a reação que eu poderia ter.

Ela abriu a porta e espiou, escondendo o corpo atrás da porta. — Oi.

— Oi. Hum, eu encontrei isso. Virei o vestido, ainda no cabide, de lado e o empurrei pela fresta.

— Ela pegou de mim. — Obrigado.

Eu assenti. — Eu estarei lá embaixo.

— Espere, disse ela, depois fechou a porta.

Um minuto depois, ela abriu a porta, com o vestido novo, os cabelos molhados pendurados em mechas bagunçadas ao redor do rosto. Ela estava livre de maquiagem, nem escovou os cabelos e estava coberta de lama até alguns minutos atrás. Quem era essa mulher? Ela exalava confiança e pareceu como um dos espíritos mais despreocupados que eu já conheci. Cada segundo que passei com ela a estava tornando ainda mais irresistível. Eu precisava tirá-la daqui antes de tentar arrancar aquele vestido dela.

— Quer me dar uma turnê pela casa? Ela perguntou.

— eu sempre quis ver como era o resto deste lugar.

Eu só vi o andar principal. Esther sempre foi tão inflexível em manter as crianças longe do andar de cima."



— Eu não acho que você perdeu muito, mas estou feliz em mostrar a você, eu disse.

— Lidere o caminho, disse ela com um sorriso.

Minhas calças estavam mais apertadas e eu esperava que ela não notasse. O que havia nela? Se eu fosse inteligente, eu a expulsaria agora. Mas eu simplesmente não consegui fazer isso. — Por aqui.

Mostrei a ela os quartos de hóspedes, o quarto de Esther e os três quartos grandes, empilhados do chão ao teto com lixo.

— Então é isso que ela estava escondendo, disse Millie. — Esther era uma acumuladora.

— Não estou ansioso para esclarecê-lo, disse.

— Você precisará de uma caixa de luvas de látex, cem sacos de lixo e ajuda, disse ela.

— Você está se oferecendo? Eu perguntei, instantaneamente.

— Não tenho mais nada a fazer. Ela encolheu os ombros. — Passar pelo lixo de outra pessoa pode ser uma boa distração.

Millie estremeceu, depois cruzou os braços sobre o peito. — Você tem algo quente para vestir?

Entrei no quarto de Esther e encontrei um casaco rosa. — Aqui.

Millie deu de ombros e se tornou a primeira mulher que eu já vi fazer um cardigã rosa parecer sexy.

— Vamos, eu disse, — Eu vou te levar para casa.



CAPÍTULO CINCO

Millie

Alguém estava batendo na minha porta. Eu gemi e puxei os cobertores sobre o meu rosto. Eram quase cinco da manhã da última vez que vi o relógio. Qualquer que fosse a hora, ainda era muito cedo.

— Millie Mae, você sabe como me sinto sobre dormir depois das nove.

Amaldiçoando minha escolha de voltar aqui, joguei os cobertores. — Estou de pé.

— O café da manhã está pronto.

Grata pelo banho matinal, tirei rapidamente o vestido emprestado em que dormi enquanto olhava para o relógio. Eram oito da manhã. Eu ia precisar de baldes de café hoje.

— Vestida com shorts de algodão confortáveis e uma camiseta do Saints com dois tamanhos a mais, desci as escadas, motivada apenas pelo cheiro de café que enchia a casa.

Vovó já estava sentada à mesa da sala de jantar, uma tigela de aveia quente na frente dela e uma tigela correspondente no lugar extra em frente a ela. Era o mesmo café da manhã que ela tomava todos os dias. Quando me mudei, pensei que nunca mais iria querer comer isso novamente, mas tive que admitir que houve algumas vezes

que pedia aveia cozida no brunch, surpreendendo os meus amigos. Torrada de abacate. Era confortável, familiar. Provavelmente da mesma maneira que a sopa de macarrão de galinha era para outros. Nós não fazemos isso aqui

Eu me acomodei e comecei a encher a tigela com frutas e açúcar. — Obrigado por fazer o café da manhã.

— Esquecendo alguma coisa? Ela perguntou, sua sobrancelha levantada.

Terminei o gole de café e coloquei a caneca no chão.

— Caro senhor, minha avó começou sua oração da manhã.

Eu zoneei o resto, meus pensamentos encontrando o caminho para o meu encontro na noite passada com Beau. Desejando não ter esperado que ele se juntasse a mim naquele chuveiro o tempo todo que eu estava me limpando. Eu sabia que não estava em um momento para ter um relacionamento. Meu último me deixou quebrada o suficiente para que rastejar de volta para cá fosse minha única opção. Eu não era boa para ninguém agora.

— Amém.

Levantei os olhos da minha tigela e peguei minha avó me encarando com desconfiança. Isso era igual a ela. Excessivamente expressiva o suficiente para você fazer as perguntas. Dessa forma, não era ela quem estava bisbilhotando.

Soltei um suspiro, resignada com o fato de que seria mais fácil acabar com isso agora. — Sim?



— Você não estava na sua cama quando me levantei para usar as instalações, disse ela.

— Não, eu não estava, eu disse.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu fui visitá-los.

Sua expressão se suavizou. — Eu sei que você sente falta deles. Mas, Millie Mae, você não pode prestar seus respeitos à luz do dia como pessoas respeitáveis?

— Isso me deixa triste demais durante o dia, eu disse.

— As pessoas vão falar, disse ela.

Por um momento, pensei em contar a ela sobre Beau, mas então percebi que ela provavelmente seria ainda mais criteriosa de nós dois se soubesse que estávamos sozinhos.

— As pessoas gostam de falar.

— Eles fazem, Millie Mae, disse ela. — E eu prefiro que eles não fiquem falando de você, a menos que seja algo bom.

— O que você tinha em mente? Eu sabia que cada palavra que ela falava tinha um duplo significado. Ela já tinha feito planos. Algo para me ajudar a limpar a garota patética que veio rastejando de volta a imagem que ela não gostaria que eu tivesse.

— Venda de caridade da igreja. Ela fez uma pausa para tomar um gole de café. — Estamos coletando doações essa semana.

Aproveitei a abertura para tomar meu próprio café enquanto contemplava suas palavras. Ela sabia como me sentia em relação à igreja. Não era para mim. Já era ruim o suficiente que ela tivesse me arrastado para lá até eu me



mudar. Ela estava de volta à sua antiga agenda. Então, percebi que isso poderia funcionar a meu favor. Eu tinha feito algo estúpido comprometendo-me a ajudar Beau quando sabia que provavelmente não podia confiar em mim mesma por estar sozinha com ele.

— Pode ser muito cedo, mas e se eu me oferecer para ajudar a limpar a casa de Esther Miller? Ajudar quem assumiu o controle? Tenho certeza de que ela gostaria de ver algumas coisas doadas para ajudar a igreja.

Vovó sorriu. — Essa é uma boa ideia. O sobrinho dela está na cidade para resolver tudo. Acho que ele é uma pessoa importante, que trabalha na internet o dia todo para que não possa nunca sair.

— Eu vou depois do café da manhã, eu disse.

— Estou feliz em vê-la tomando iniciativa, disse ela.

Forçando um sorriso, concentrei-me na minha farinha de aveia, esperando que ela não me pedisse para fazer mais nada na cidade. Cavar coisas velhas e doa-las foi uma boa ideia. Se eu não tomasse cuidado, sabia que iria me amarrar mais. Eu tive que inventar minha estratégia de saída. Eu não poderia ficar aqui por muito tempo ou nunca sairia.

Assim que terminei o café da manhã, postaria meu currículo on-line.

Eu não consegui chegar na casa dos Miller até o meio dia. O local parecia ainda pior quanto ao desgaste do que percebi ao luar. Supus que o sol tivesse uma maneira de deixar tudo mais claro. Incluindo o fato de que eu precisava estabelecer limites claros com Beau.



Mesmo se eu quisesse ter um relacionamento com alguém, por que escolheria a pessoa que estava tão ansiosa para sair desta cidade quanto eu? Ele provavelmente iria embora em breve, de volta a qualquer vida glamorosa que estivesse vivendo. Pelo que eu sabia, ele era casado e tinha filhos.

Bati na porta, depois dei um passo para trás e esperei.

Eu bati de novo.

Irritada por ele ter dormido enquanto eu fui arrastada para fora da cama, me virei e saí de casa. Eu não sabia exatamente o que fazer para matar o tempo, mas sabia que, se voltasse à casa da minha avó, ela me daria uma tarefa ainda pior.

— Decidindo que precisava de uma bebida de verdade, entrei no meu carro e segui para o Sully's, afinal Dale me pediu para ir e eu estava tentando ser educada, certo? Além disso, eu sabia que minha avó nunca seria vista no bar esportivo de buracos na parede. Eu poderia me esconder lá por algumas horas e tentar Beau novamente mais tarde. Depois de algumas bebidas para enterrar minha auto piedade.

Quando me afastei da casa dos Miller, notei um carro atrás de mim. Não havia nada por aqui. Apenas a entrada para a casa dos Miller e uma estrada que levava à casa da minha avó e aos Thomas do outro lado de nós.

Pensando se eu tinha perdido Beau, ajustei o espelho retrovisor, tentando vislumbrar o motorista.



Definitivamente não era Beau. Uma mulher que eu não reconhecia estava dirigindo e ela usava enormes óculos de sol que cobriam a maior parte do rosto. Franzindo a testa, eu esperava que fosse uma coincidência e que ela estivesse perdida.

Eu me virei para ir em direção à cidade. A mulher seguiu. Um calafrio subiu pela minha espinha, fazendo meu pulso acelerar. Tentei abafar a sensação de destruição iminente que se arrastava desnecessariamente pelo meu subconsciente. Afinal, este era Hearth. Não era Chicago. Obviamente, alguém iria por esse caminho. Era o único caminho para a parte principal da cidade.

Passando pela Sully, continuei dirigindo, esperando que ela parasse em algum lugar, em qualquer lugar, que não fosse para onde eu estava indo.

Ela continuou.

Estávamos na periferia da cidade agora, a única opção sendo a rodovia ou o último posto de gasolina. Ou era uma opção provável para alguém usar. Por uma fração de segundo, considerei pegar a estrada e correr. Eu não tinha onde ir.

Eu poderia dirigir durante uma hora a cidade mais próxima e voltarem vez disso, entrei no posto de gasolina, escolhendo um dos pontos em frente às portas de vidro deslizantes.

A mulher me seguiu, tomando o lugar ao lado do meu carro. Se eu não tinha enlouquecido antes, estava oficialmente enlouquecida agora.



Decidindo que era melhor estar perto de pessoas e câmeras de vídeo, se ela era psicopata, saí rapidamente do meu carro e entrei no posto de gasolina.

A porta bateu e uma rajada de ar frio me atingiu quando entrei na loja.

— Millie? Uma mulher chamou.

Eu me virei para ver Brittany, uma amiga do ensino médio sentada atrás do balcão. Seu rosto se iluminou com um sorriso largo e ela jogou as mãos para o ar, gritando.

Atordoada, forcei um sorriso no rosto e tentei imitar o entusiasmo dela. Para ser sincera, vê-la aqui me deixou ainda mais desesperada para sair. Brittany era uma das minhas melhores amigas no ensino médio, mas eu ainda nunca me senti muito bem com ela. Ela estava interessada em tudo o que devíamos gostar e era um bom modelo para eu saber como eu deveria fingir. Por isso, fiquei agradecida. Mas agora, eu sabia que teria que refazer toda essa tentativa de adaptação.

Brittany abriu a porta que a engaiolou no estande da balconista e caminhou até mim, sua enorme barriga de grávida não a deixando se mover rapidamente. — Oh meu Deus! Ouvi dizer que você estava aqui!

Ela me agarrou em um abraço estranho e de lado.

— Sim, eu estou aqui, eu disse.

— Quanto tempo você vai ficar? E, por favor, diga para sempre. As coisas ficaram tão chatas sem você. Não que possamos voltar aos velhos tempos... Ela apontou para o



estômago. — Acho que o point da cerveja e o mergulho magro terão que esperar alguns anos.

Eu ri. — Parabéns, Brit, você está positivamente brilhando.

— Foi gentil de a sua parte dizer. Honestamente, eu me sinto como uma baleia. Você pode acreditar que ainda tenho três semanas pela frente?

O som estridente da porta me lembrou o porquê de eu ter entrado aqui em primeiro lugar. Eu me virei para ver a mulher de óculos atravessar a porta. Ela levantou os óculos, apoiando-os no topo dos cabelos escuros. Ela nem olhou para mim antes de se virar para os refrigeradores ao longo da parede lateral.

Soltei um suspiro que não sabia que estava segurando e decidi que estava preocupada com nada.

— Você tem que vir para o meu Chá, disse Brittany, nem mesmo percebendo a recém chegada. — É no sábado. Por favor diga que você virá.

— Eu adoraria, eu disse.

— É na igreja as duas, disse ela.

— Mal posso esperar, eu disse.

O rosto de Brittany se enrugou e ela gritou. — Melhor ir ajudar esse cliente. Mal posso esperar para vê-la novamente.

Eu olhei para a mulher com os óculos de sol. Ela colocou uma garrafa de água no balcão e enfiou a mão no bolso para sacar algum dinheiro. Ao fazê-lo, sua blusa preta levantou um pouco, revelando o que pareciam ser as alças de várias lâminas enfiadas na cintura de seu jeans.



Ela provavelmente não era alguém com quem eu deveria mexer. Fui até o refrigerador e peguei uma garrafa de água, hesitando lá até ouvir o som sombrio que me deixou saber que ela se foi.

Eu assisti o carro dela parar antes de pagar, mas eu ainda não conseguia evitar a sensação estranha que ela me deu. — Brittany, você já viu essa mulher antes?

— Uma vez, ela disse. — No funeral de Esther Miller. Ela ficou na parte de trás, no entanto. Não conversou com ninguém.

— Você sabe onde ela está ficando? Eu perguntei.

— Não tenho certeza, disse ela. — Então, eu te vejo no sábado?

— Eu estarei lá.

Ao sair da loja, me perguntei quais seriam as fofocas pela cidade. Desde que Esther morreu, dois recém – chegados chegaram. Beau e essa outra mulher. Eu me perguntei se ela era o parente perdido há muito tempo que ele estava procurando.



CAPÍTULO SEIS

Millie

Havia apenas dois carros no estacionamento quando entrei no bar de Sully. Era realmente o único outro lugar que eu poderia ir se tentasse evitar a minha avó, é depois do encontro com a mulher no posto de gasolina, não queria ir a lugar nenhum perto da casa dos Miller.

Eu precisava afastar a sensação assustadora, e algumas doses de tequila provavelmente ajudariam. Havia algo em um zumbido confortável e agradável para fazer você parar de analisar e pensar demais em cada coisinha.

Além disso, seria tão terrível ver um rosto amigável? Britney me pegou de surpresa, até Dale me pegou de surpresa quando cheguei, mas se eu estou ficando aqui por um tempo, talvez eu devesse tirar o melhor proveito disso.

Pensamentos de Beau passaram pela minha mente e eu os afastei. Eu não estava no momento para me envolver romanticamente com alguém. Sair com velhos amigos era diferente. Talvez fazer algo normal, como ir a um chá de bebê, fosse bom para mim.

Eu sabia que manteria minha avó longe do meu caso se eu tentasse voltar à sociedade. Pensei em como me senti deslocada aqui. E como fora de lugar ainda me sentia em Chicago. Pelo menos eu sabia no que estava me metendo em Hearth. Eu me perguntei se era realmente por isso que eu tinha voltado. Conforto, familiaridade, um lugar onde eu não



precisaria encontrar nada inesperado. Eu balancei minha cabeça. Por mais que eu quisesse sentir que fazia parte de algo, não era eu.

Financeiramente, eu gostaria de ter ficado flutuando alguns meses sozinha em Chicago enquanto procurava um emprego. Eu não tinha sido demitido por mau comportamento ou desempenho ruim, a empresa foi vendida e fomos reduzidos. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que meu currículo me desse algumas mordidas. Mas para onde eu realmente queria ir?

Eu sabia que não podia ficar em Hearth, mas talvez eu tenha vindo aqui por um motivo, uma ruptura mental do ritmo acelerado que vivia nos últimos cinco anos. Suspirei, estava tendo uma crise de meia idade. Mas eu era jovem demais para uma crise de meia idade.

Definitivamente, isso exigia doses de tequila. Eu precisava parar de analisar minhas decisões e respirar fundo algumas vezes. Haveria tempo de sobra para auto aversão e arrependimento nas próximas semanas, porque eu não precisava passar por tudo isso aqui e agora.

Minhas pernas estavam pesadas enquanto eu caminhava em direção à porta da frente, mais devagar do que eu precisava. Hesitei antes de entrar, era realmente isso que eu queria? Bebendo no meio da tarde? Lá fui eu de novo, pensando demais em tudo. Não tinha emprego nem responsabilidades. Por que eu deveria me importar com o que faço com o meu tempo?



FOREVER MAGNOLIA

Entrei pela porta do bar e fui atingida por uma sensação avassaladora de nostalgia. Quantas vezes eu vim aqui nas noites de sábado, com um grande *x* preto na mão que dizia que eu tinha menos de 21 anos, mesmo que todos na cidade soubessem a idade, o rosto e o aniversário de todos.

Esfregar no banheiro não era bom, todos os garçons sabiam meu nome, mas isso não me impediu de tentar pelo menos uma dúzia de vezes. Lembrei-me do canto ruim do karaokê, do café da manhã de ressaca e do meu selvagem aniversário de vinte e um anos que resultara em tanta bebida grátis que passei as próximas seis horas vomitando no banheiro.

Olhei em volta, sentindo-me melancólica por aqueles rostos familiares, mas não encontrei nenhum. Eu estava sozinha no bar, o que era um pouco incomum, mas eram duas horas da tarde. Peguei um banquinho no topo do bar e me sentei, imaginando que esperaria alguém sair.

O som de salto alto quebrou o silêncio, clicando como um relógio no chão de concreto, ecoando na sala dos fundos. Finalmente, a fonte do som surgiu atrás do balcão e senti meu sangue esfriar. Eu não tinha visto o carro dela aqui, mas a mulher de óculos escuros estava agora em pé na minha frente, uma barra de madeira polida em cima era a única coisa entre nós.

Ela se inclinou para frente, descansando os braços no bar. — Há quanto tempo isso acontece?



DYAN CHICK
VAMPIRE BRIDES

— Eu conheço você? Seria possível que ela fosse uma pessoa perdida há muito tempo que eu conhecia no ensino médio? Talvez ela tenha feito algum trabalho e eu não a reconheci. Ou talvez ela fosse alguns anos mais nova que eu.

— Você e aquele invasor na casa dos Miller. Quanto tempo? Ela perguntou.

De repente, lembrei-me da conversa no posto de gasolina. — Se você está aqui sobre a herança, posso dizer, ele ficaria feliz em entregá-la.

— Suborno? Ela se recostou e levantou o queixo enquanto ria. Era um som surpreendente, sem qualquer alegria real.

— Eu não entendo o que está acontecendo aqui, mas se houver alguma coisa estranha de família acontecendo, me deixe de fora. Eu me levantei, o banquinho gritando enquanto deslizava pelo chão de cimento.

Sua mão se fechou em volta do meu braço antes que eu pudesse sair completamente do caminho. — Não tão rápido.

Eu puxei meu braço para fora de seu aperto. — Não me toque. Fui em direção à porta enquanto respirava.

— Esquisita, eu disse baixinho.

Ouvi um movimento atrás de mim, mas não me virei para olhar para trás. De repente, a mulher estava na frente da porta, bloqueando minha saída.

— Saia do meu caminho, eu disse. — Eu não sei o que diabos você está fazendo aqui, ou quando foi à última vez que



você tomou seus remédios, mas você precisa me deixar de fora disso.

— Posso dizer que você está tentando protegê-lo, é natural, você pensa que está apaixonada, é o que eles fazem, disse ela.

— Do que você está falando? Você é doída! Eu ri. — Se você é uma ex-namorada ciumenta ou algo assim, não precisa se preocupar.

Era disso que se tratava. Ela devia estar perseguindo Beau, estacionada do lado de fora da casa dele quando saí de lá ontem à noite. Ela provavelmente seguiu o carro dele até minha casa, descobriu quem eu era e depois me seguiu até aqui.

Assim que cheguei no meu carro, estava dirigindo direto para a delegacia. Essa mulher era instável, e alguém da polícia precisava vê-la rapidamente.

— Eu não namoro com ele, disse ela. — E está claro que ele se importa com você, caso contrário você teria marcas de mordida em todo o corpo.

Agora eu estava ainda mais confusa, mas não queria uma explicação. — Senhora, saia do meu caminho.

— Ou é que ele escolhe beber de algum lugar mais íntimo? Óculos de sol perguntou.

— Você é questionável, agora saia do meu caminho ou eu vou gritar.

— Vá em frente, somos apenas você e eu aqui, querida. Ela estalou os nós dos dedos e depois revirou os ombros. Parecia que ela estava relaxando antes de uma briga.



Eu dei um passo para trás. Essa mulher estava ainda mais desequilibrada do que eu pensava. Do que diabos ela estava falando? Por que ela estava perguntando sobre marcas de mordida e por que ela achava que eu estava em algum tipo de relacionamento com um homem que eu só conheci uma vez? — Você tem a ideia errada aqui. O que você acha que está acontecendo entre mim e Beau não está acontecendo. Eu o conheci pela primeira vez na noite passada. Caí na lama e fiquei uma bagunça. Ele me deixou limpar na casa dele e depois ele me levou para casa, como um cavalheiro. Nada mais aconteceu. Nada mais vai acontecer. Agora me deixe passar e eu vou deixar você em paz, vou deixá-lo em paz, vou deixá-los em paz, e isso acaba aqui.

— Eu gostaria que fosse assim tão simples, mas eu o persigo há muito tempo. Ela avançou em mim.

Continuei dando um passo para trás, com medo de tirar os olhos dela. Ela pode estar louca, mas a garota claramente teve alguns movimentos. Deparei-me com uma cadeira e senti uma dor cortante no quadril. Por uma fração de segundo, olhei para baixo enquanto pressionei minha mão contra a parte machucada. Quando olhei para trás, a louca estava em cima de mim, vi o brilho de algo brilhante e senti uma pontada de dor no pescoço. Eu tentei abrir minha boca para gritar com ela. Tentei empurrá-la para fora de mim, mas não conseguia mais mexer meus membros ou me obrigar a fazer qualquer coisa. Afundei no chão, uma sensação de pânico rasgando através de mim quando a consciência se afastou.



Minha cabeça latejava e minha boca parecia como se eu tivesse engolido um punhado de bolas de algodão. Foi dez vezes pior que a pior ressaca que já tive, só que não havia náusea. Eu supunha que isso fosse alguma coisa.

Eu tentei mover meus braços e pernas, mas descobri que eles estavam amarrados, o que foi um alívio estranho. A última coisa que me lembrei foi de perder a capacidade de mover todos eles. O fato de eu poder me mexer e ser simplesmente contida era estranhamente reconfortante. Eu me mexi até descobrir que a escuridão ao meu redor era o banco traseiro de um carro. Eu gemi, percebendo que devia estar na parte de trás do carro daquela maluca.

— Você está acordada.

Eu me mexi até conseguir me sentar, mas instantaneamente me arrependi quando minha cabeça latejava ainda mais nessa posição. Apertando os olhos através da neblina embaçada, olhei para o banco da frente, onde minha captora estava sentada, o rosto para frente, despreocupada com o que eu estava fazendo no banco de trás.

Apertei os olhos novamente e arregalei os olhos alternando algumas vezes entre isso e piscando antes que eu pudesse me concentrar o suficiente para ver do lado de fora da janela da frente.

Eu provavelmente não precisei lutar tanto, estávamos estacionados em frente à casa dos Miller. *Grande*



surpresa. Então agora ela eleva a aposta de perseguidora enlouquecida a sequestradora.

Eu queria gritar com ela, ameaçá-la, fazer algum tipo de comentário sarcástico, mas se ela fosse tão instável, o que a impediria de simplesmente tirar uma daquelas facas estranhas que ela tinha no cinto e cortar minha garganta aqui? Talvez esse fosse seu plano o tempo todo. Eu não estava interessada em morrer.

Em vez disso, pensei em fazer uma última tentativa no ângulo ' *Eu juro que não sou amante do seu namorado.*

— Sabe, eu acabei de voltar para a cidade ontem. Não há como eu já estar em um relacionamento. Essas coisas levam tempo, você não sabe?

— Não quando é um vínculo de união, disse ela. A maioria dos humanos não deposita muito estoque no destino, mas é mais perigoso e mais intoxicante do que você imagina.

— Sim, acho que sou uma daquelas pessoas que não colocam muito dinheiro nisso, então você pode me deixar ir. Juro que não vou contar a ninguém, eu disse enquanto puxava minhas restrições.

Essa cadela pode ser louca, mas ela tinha habilidades loucas de nó. Quanto mais eu puxava, mais as cordas afundavam no meu pulso. Eu teria marcas vermelhas em mim quando saísse disso. Uma pontada de medo passou por mim. *Se eu saísse disso.* Eu me perguntava o que ela estava esperando. *Por que eu ainda estava viva?* Não que eu estivesse com pressa de ver o fim de sua trama maligna, mas ela deve ter algum tipo de razão para me manter aqui.



— Estamos esperando por algo? Percebi, depois que disse, que poderia ter sido a coisa errada a dizer. Por que incentivar a pessoa que está mantendo você em cativeiro a acelerar seus planos nefastos?

— Eu o caço há um ano. Ele é apenas a minha primeira tarefa por conta própria. Se eu não o conseguir, estou fora.

Quanto mais ela falava, mais insana ela parecia. Eu balancei minha cabeça. — Você percebe que eu não tenho ideia do que você está dizendo?

Razão claramente não estava trabalhando com ela, eu estava saindo disso ou não estava.

Ela se virou e olhou para mim pela primeira vez desde que eu acordei. — Você realmente não tem ideia?

— Eu te disse que não tinha ideia do que estava acontecendo. Tanto quanto eu posso dizer, você é louca. *Bom, Millie. Você ofendeu totalmente uma psicopata que mantém amarrada na parte de trás do carro dela. Bem feito.* — O que eu quero dizer é que estou dizendo a verdade. Não sei quem você é, não sei por que você me amarrou e estou tendo um dia muito ruim.

A mulher sacudiu a cabeça. — Eu sou uma caçadora. Puro e simples. Você conhece aquelas histórias que ouviu quando criança? Tudo o que lhe disseram sobre o mal e o mal neste mundo? Tudo era verdade. Monstros existem. Seu novo amigo é um dos piores tipos de monstros. — Ele não é humano. E para piorar, ele deve reivindicar a vida de humanos inocentes para sobreviver. Meu melhor palpite é que ele tem algo em torno de 300 anos, o que significa que ele



matou muitas pessoas em seu tempo. E é hora de seu reinado terminar.

Minha testa franziu, ainda mais confusa do que eu estava antes. Essa mulher pensa que está caçando algum tipo de criatura? — Você viu Beau? Quero dizer, não é como se ele tivesse chifres saindo da cabeça.

— Os vampiros não têm chifres, disse ela como se eu fosse criança. Como se eu devesse ter aprendido isso há muito tempo.

— Vampiros? Eu levantei minhas sobrancelhas, me segurando de revirar os olhos.

Ela soltou um suspiro frustrado. — Olha, eu não posso te machucar. Faz parte do código. Você é humana, você não foi mordida. Eu verifiquei. Só estou usando você como isca.

— Ok, eu lambi meus lábios, digamos que eu acredito em você. Digamos que você esteja realmente caçando um vampiro. — Por que diabos você me usaria como isca?

— Eu já te disse. Ele não te mordeu. E você ficou em casa sozinha por uma noite inteira. Isso significa que você é importante para ele.

Recostei-me no banco e fechei os olhos. Não havia raciocínio com essa mulher. Minha maior esperança era que Beau encontrasse um carro estranho e chamasse a polícia. Felizmente, alguém estaria aqui em breve para levar essa pessoa louca sob custódia e me deixar sair. O único ponto positivo dessa conversa foi o fato de que, em sua ilusão, ela realmente acreditava que eu não deveria ser



ferida. Então, embora eu me sinta desconfortável, pelo menos eu estava a salvo, por enquanto.



CAPÍTULO SETE

Beau

Eu podia cheirá-la.

Era difícil dizer se era uma lembrança persistente do pouco tempo que ela esteve em casa ou se era real. Estiquei-me e cumprimentei o ar fresco da noite. Houve dias em que senti falta da luz do sol, mas raramente perdi aqui. O dia estava muito úmido e pegajoso. A noite ainda estava pegajosa e úmida, mas pelo menos era mais fria. E me acostumei aos sons noturnos de grilos, corujas e outras criaturas noturnas. Parecemos compartilhar um entendimento e uma apreciação dessa hora do dia.

Rapidamente, mudei para algo um pouco mais moderno e me preparei para uma noite na cidade. Depois de alguns drinques, a maioria dos moradores provavelmente estaria disposta a se manifestar sobre qualquer tipo de fofoca sobre a qual eu estivesse interessado em ouvir. Eu tinha certeza de que tinha que haver algum tipo de caso, criança escondida ou fuga em algum momento da história da família Miller durante os últimos cem anos. As pessoas adoravam um bom escândalo, mesmo as pessoas que fingem que não.

Enquanto eu fazia meus preparativos para a noite, eu ainda podia cheirá-la. Era quase forte o suficiente para cobrir o perfume persistente que se infiltrava na madeira e pairava espesso no ar da casa. Provavelmente levaria um xamã queimando sálvia por semanas para limpar o cheiro. Mas não

era problema meu, eu sairei daqui assim que encontrar alguém adequado para assumir o controle.

Provavelmente estava na minha cabeça. Ela não estava aqui há tempo suficiente para o cheiro dela realmente ficar por aqui. Eu tentei tirar Millie da minha cabeça. Ela era uma distração, uma complicação. Eu conhecia as regras, conhecia os riscos. Não era exatamente proibido estar com um humano, mas eu sabia que, para um vampiro, ter um relacionamento de longo prazo com um humano, em algum momento, você teria que considerar transformá-lo. Eu conheci alguns amigos que estiveram com humanos e envelheceram com eles, vendo-os morrer. A morte já era bastante difícil de passar quando você não era imortal. Quando você era, e sabia que tinha o poder de evitá-lo, era muito mais difícil.

Abri a geladeira e peguei uma bolsa de sangue do meu estoque. Seria o suficiente para me deixar passar esta noite, para que eu não sentisse a necessidade de me alimentar de nenhuma das pessoas no bar. Eu não sabia por que não conseguia esquecer Millie. Talvez fosse apenas este lugar. Talvez houvesse algo sentimental em voltar para casa, para sua casa original, que o fez desejar o que sabia que não podia ter.

Limpei meu rosto e lambi meus dentes, certificando-me de não deixar sangue. Saí pela porta da frente e fui instantaneamente atingido por uma onda inegável do perfume de Millie. Não estava na minha cabeça. Ela estava



perto. O cheiro intoxicante dela, o chamado de seu sangue, estava misturado com medo. Algo estava muito, muito errado.

Eu arregacei os dentes, deixando minhas presas abaixarem quando meu corpo ficou tenso, preparado para lutar. Eu deixei o instinto dominar, tornando-me o monstro que eu sabia que estava no fundo, enquanto eu atacava na direção desse medo. Se alguém a machucasse, eu os mataria. Não importava quais eram as repercussões, eu sabia que tinha que protegê-la.

Millie

O súbito golpe no meu estômago me fez sentir como se eu fosse vomitar. Ressaca concluída. — Para que diabos isso?

Eu estava amarrada a uma árvore agora e tinha que admitir que vim de bom grado. Por alguma razão, eu acreditava que ela não queria me machucar, e que talvez eu pudesse sair dessa viva se jogasse junto. Ainda ofegante e lutando contra o desejo de vomitar, agora eu tinha muitos arrependimentos.

— Ele chegará mais rápido se achar que você está com problemas, disse ela. — Nada pessoal.

— É muito pessoal, eu disse.

— Vai acabar logo, disse ela, afastando-se de mim e olhando para longe.

Eu deveria ter ficado em Chicago. Era uma das cidades mais perigosas do mundo, mas eu nunca tinha sido

sequestrada, amarrada e chutada no estômago. Isso nunca teria acontecido em Chicago.

A mulher andou na minha frente, indo e voltando, dando cerca de seis passos antes de se virar e seguir na outra direção. Ela estava nervosa. Seu cabelo escuro estava preso em um coque e nas mãos ela segurava uma estaca curta, honesta ao bife de deus, como o tipo que *Buffy* carregava, na mão.

— Eu queria dizer que ela era doída, mas, enquanto eu estava sentada no meu estado embriagado, comecei a me perguntar se talvez ela estivesse certa. Ela com certeza estava acreditando nisso, um verdadeiro crente. Por que mais ela estaria aqui com uma estaca na mão?

— Está demorando muito.

— Eu te disse, eu disse. — Não há nada entre nós. Ter-me em cativeiro não fará nada.

— Eu fui muito fácil com você, fiquei muito amigável. Erro de novato", disse ela, mais para si mesma do que para mim.

Uma nova onda de medo correu através de mim quando eu praticamente vi a natureza imprevisível dela. Ela escolheu um local que não estava muito longe da propriedade Miller, apenas fora do alcance de uma das poucas luzes em uma estrutura externa que parecia ser um celeiro. Se não fosse por essa luz, eu não seria capaz de ver nada.

Tive a sensação de que ela escolheu o lugar para não ficar em desvantagem. Era estranho começar a ver as razões pelas quais ela estava fazendo as coisas. Mas isso não



significava que eu realmente acreditasse nela. Embora, eu tivesse que admitir, eu pensasse que era mais provável acreditar que Beau era um vampiro do que eu acreditar que ele viria atrás de mim com base em suas teorias estranhas.

A louca pegou uma alça de metal da cintura e puxou, revelando uma faca curta. — Lembra como eu te disse que não te mataria?

Meu coração disparou no meu peito. Aqui estava. Foi assim que eu morri. — Whoa, whoa, não vamos enlouquecer aqui, vamos pensar sobre isso. Você não quer me machucar.

— Eu não quero, eu preciso, disse ela, enquanto cortava a faca no meu braço.

Eu gritei quando uma dor ardente passou por mim. Lágrimas rolaram pelas minhas bochechas e eu chutei minhas pernas e me sacudi o mais loucamente possível para tentar me afastar dela. As cordas em volta das minhas mãos e pernas só me fizeram cair no chão. Grunhindo, eu me forcei a voltar a sentar.

Eu encarei o sangue escorrendo pelo meu braço, me sentindo um pouco tonta. — Sua louca psicopata. Deixe-me ir!

A louca se ajoelhou na minha frente. — Até que ele chegue aqui para você, vou adicionar uma nova cicatriz a esse seu corpinho a cada cinco minutos. Então, se houver alguma maneira de você chamar por ele que não está me contando, você pode querer fazê-lo agora.



Eu cuspo na cara dela. Ela balançou a cabeça quando limpou o cuspe e deu alguns passos para longe de mim. — Estou falando sério. Não quero te machucar, mas vou machucar.

De repente, eu estava me sentindo menos segura sobre minha segurança. Eu teria sorte de sobreviver à noite se ninguém me encontrasse em breve. — Me ajude! Se alguém puder me ouvir, me ajude!

Uma mão aberta bateu na minha bochecha, o tapa doeu e eu me virei para o meu agressor com os dentes à mostra.

— Você precisa de ajuda, sabia disso?

— Tente novamente e veja o que acontece. Ela apertou com mais força a faca na mão, dobrando levemente a lâmina para capturar a luz.

— O que aconteceu com não me matar? Eu perguntei.

— Eu não matei você ainda, pare de reclamar.

— Socorro! Gritei o mais alto que pude, sabendo que precisava sair disso e me afastar dela. — Socorro!

Desta vez, um joelho bateu no meu nariz, enviando dores nas minhas bochechas, nos meus olhos e na parte de trás da minha cabeça. Gritei de agonia enquanto tentava reflexivamente mover minhas mãos em direção à lesão. Eles ainda estavam amarrados nas minhas costas.

Gemendo e gemendo, me inclinei e pressionei meu nariz machucado contra os joelhos. Meus olhos estavam cheios de lágrimas e manchas brancas explodiram na frente da minha visão. Pela quantidade de dor que senti, senti que meu nariz estava quebrado.



— Eu disse para você não fazer isso.

Eu mantive minha cabeça baixa, em parte porque ainda estava lutando para controlar a dor que irradiava pelo meu rosto, e em parte porque não queria que ela visse o quanto eu estava chateada. Por enquanto, era melhor que ela pensasse que eu havia me submetido.

Pelo menos o ataque dela me deixou mais motivada a fugir. Enquanto mantinha meu rosto abaixado, comecei a trabalhar nas amarras novamente. Tinha que haver uma maneira de tirar minhas mãos para me libertar.

Os nós estavam apertados, e a corda cortou minha pele, adicionando ainda mais explosões de dor ao meu corpo já ferido. Decidindo que puxar minhas mãos não iria funcionar e que os nós não iriam se mexer, comecei a sentir cegamente o chão. Tinha que haver uma pedra ou algo afiado que eu pudesse usar.

Estremeci quando enfiei meu dedo em algo incrivelmente afiado. Pela sensação, provavelmente era uma garrafa quebrada. Você poderia obter tétano de vidro quebrado? Tentei manter a cabeça limpa, pensar além dos ferimentos e do fato de ter feridas abertas que agora estavam cobertas de sujeira e germes.

Segurando o copo o melhor que pude e ignorando o corte em meus dedos, comecei a serrar as cordas. Enquanto alguns fios se desenrolavam, um pouco de esperança encheu meu peito. Se eu pudesse passar por essa corda, poderia sair daqui. Talvez eu pudesse sobreviver a esse encontro bizarro. Ou talvez eu a esfaqueie com o pedaço de vidro na



próxima vez que ela chegar muito perto de mim. Não gostei da ideia de machucar alguém, mas com certeza não queria me machucar novamente.

O tempo parecia diminuir enquanto eu mantinha meu rosto abaixado e trabalhava para manter a respiração, enquanto fazia pequenos movimentos com o vidro contra a corda. Quando ouvi seus passos se aproximando, fechei meus dedos ao redor do vidro, escondendo-o de vista. Lentamente, olhei para ela, incapaz de esconder meu olhar desafiador.

— Más notícias para você, mais cinco minutos se passaram.

— Eu disse que ele não viria, eu disse, me surpreendendo com a calma que estava.

— Eu não acredito em você. Ela pegou a faca e cortou meu braço oposto, criando uma ferida gêmea que queimava branca e quente. Estremeci e prendi a respiração contra a dor, recusando-me a gritar.

— Estou feliz por termos aprendido a lição, disse ela antes de se afastar de mim e dar alguns passos em campo aberto.

Satisfeita por ela estar me ignorando, provavelmente porque pensou que tinha me quebrado, retomei minha serragem. Eu podia sentir a corda desfiada, mas ainda não tinha passado por todos os fios. Eu precisava de mais tempo, mas não tinha. Quem sabia onde ela usaria essa faca a seguir. Eu precisava passar por essa corda nos próximos cinco minutos.



Meu pulso disparou e senti o suor escorrer pelas minhas bochechas enquanto eu respirava superficialmente e dizia a mim mesma que a dor não era real. Quando saísse de lá, iria direto para o hospital. Ou talvez direto para a minha avó para um banho de gelo. Embora primeiro eu provavelmente precisasse revestir todo o meu corpo e mãos com desinfetante.

Mais corda começou a se desgastar. Eu estava quase terminando quando ouvi passos se aproximando novamente. Amaldiçoando baixinho, apalpei o vidro e olhei para cima e meu captor.

— Mais cinco minutos, agora tenho que decidir para onde ir a partir daqui. Fico nos seus braços? Ou está na hora de causar mais danos no seu rosto bonito? Ela sorriu. — Eu já posso ver os olhos roxos e o nariz quebrado.

Ela se aproximou de mim, a faca levantada, pronta para atacar. Ela estava hesitando, como se não tivesse certeza de onde ela queria causar danos a seguir. Eu não tinha certeza se isso vinha do fato de que ela realmente não queria fazer isso ou se estava saboreando e gostando. Nem me surpreenderia. Mordi o interior da minha bochecha para me manter quieta enquanto a olhava. Tão forte quanto eu queria ser, o medo ainda arrastava seus dedos gelados pela minha espinha. Ela deu outro passo e prendi a respiração, esperando a mordida da lâmina.



CAPÍTULO OITO

Millie

Apertei meus olhos com força enquanto o medo tomava conta de mim e se preparava para o impacto. Uma respiração, duas respirações, três respirações, quatro respirações.

A dor que eu esperava nunca veio. Abri os olhos bem a tempo de ver alguém ou algo bater no caçador.

O recém-chegado era muito maior que a mulher que me levara cativa. Ela saiu de baixo dele e, embora eu não quisesse acreditar, sabia que meu salvador era a pessoa que ela estava esperando o tempo todo. Não importa quantas vezes eu tenha dito a ela que ele não viria, não importa o quanto eu acreditei, não consegui encontrar verdadeira surpresa pelo fato de ele estar aqui.

Era como se, em algum nível, eu soubesse que ele viria. O que não fazia sentido. Ele não me devia nada, nem me conhecia. No entanto, aqui estava ele, lutando contra a mulher que me drogou e me torturou.

O corpo dela caiu com um baque, caindo no chão. Ela ficou de pé, depois se agachou em uma posição do tipo ataque. Ela esperou lá, seu corpo parecia tão tenso quanto uma mola.

Beau a atacou e ela correu em sua direção, estaca erguida na mão. A mulher ainda acreditava sinceramente que estava enfrentando um vampiro.



Revirando os olhos, dobrei meus esforços para cortar a corda. Meus dedos estavam quase dormentes agora, o que eu supunha, de certa forma, era melhor do que sentir a dor das centenas de pequenas fatias que o copo lhes dera. Estava tornando mais difícil de segurar enquanto eu lutava pelos últimos fios. Finalmente, eles cederam e alívio inundou através de mim enquanto eu movia minhas mãos na minha frente e começava a trabalhar nas restrições dos meus tornozelos.

Eu não queria parar e ver como estava machucada, não conseguia pensar nisso agora. Agora, eu precisava sair de lá e ajudar Beau a conter essa pessoa insana. Cortar as restrições nos meus tornozelos estava indo muito mais rápido, já que eu não precisava me preocupar em escondê-lo e eu podia realmente ver o que estava fazendo.

Enquanto os sons de uma briga se arrastavam à distância, eu cortei os últimos fios da corda e chutei meus pés livres. Com algum esforço, consegui rolar de quatro e me colocar de pé. Eu balancei, o chão parecia muito irregular no meu estado danificado. Respirando lentamente, tentei ignorar o giro na minha cabeça. Eu empurrei para frente, dando passos cuidadosos.

A luta começou na minha frente. Esperei um momento, tentando decidir meu melhor curso de ação. Eu não queria pular no meio de alguma coisa e acabar com o punho na minha cara. Eu já tinha danos suficientes em mim e não tinha certeza de que poderia lidar com muito mais. Nesse



momento, fiquei agradecida por ainda manter os olhos abertos, apesar da dor no rosto.

Enquanto eu observava, tive a sensação distinta de que Beau estava brincando com a caçadora. Ele era muito mais rápido e mais forte que ela, mas ela continuava vindo até ele e ele a empurrava, quase sem esforço.

Ela veio até ele novamente, a estaca erguida e gritando como algo feroz. Estremeci com o som e pensei que Beau também. Mais uma vez, ele a pegou no meio do ataque e a jogou incrivelmente a três metros de distância. Ela caiu forte e não se mexeu.

Ele nem estava respirando pesado, nada disso era difícil para ele. Enquanto eu ainda estava confusão sobre o porquê de ele realmente estar lá, fiquei muito agradecida. A caçadora, provavelmente estava inconsciente neste momento, o que me fez sentir um pouco melhor.

Cuidadosamente, fui até Beau. — Como você me achou

— Essa é uma maneira engraçada de dizer obrigado, disse ele.

— Claro, obrigado. Mas, falando sério, o que está acontecendo aqui? Eu perguntei.

Beau fechou o espaço entre nós e ficou a poucos centímetros de mim. Seus olhos escuros me examinaram de cima a baixo e eu vi sua expressão passar de feliz em me ver, a enlouquecer. Ele arreganhou os dentes e soltou um rosnado baixo. — Ela fez isso com você.



Eu dei um passo para trás, sem saber se as presas em sua boca eram reais ou produto de trauma. — Eu só quero ir para casa.

— Eu vou matá-la.

— Não, ela é louca. Precisamos chamar a polícia. Ela estava louca e desesperada e tentou me matar. Eu não sabia por que estava implorando por sua vida. Não era como se eu gostasse particularmente da mulher que me torturou, mas naquele momento eu temia o que Beau poderia fazer. Preocupei-me com o que teria que fazer se vislumbrasse mais a escuridão que via em seus olhos.

— Se é isso que você deseja, ele disse.

Eu estava tremendo agora. Minhas pálpebras estavam pesadas à medida que a adrenalina passava e meus ferimentos começaram a tomar conta. Afastei-me dele e vomitei na grama. Uma mão gentil afastou meu cabelo do meu rosto enquanto eu terminava de vomitar e outra mão suavemente esfregou minhas costas. Seu toque foi reconfortante, e de alguma forma me deu força.

Levantei-me e limpei a boca com as costas a mão. — Eu acho que preciso ir ao hospital.

— Eu vou te levar, disse ele.

O movimento chamou minha atenção e me virei bem a tempo de ver a louca atacando a gente.

Eu gritei: — Cuidado!

Beau parou na minha frente logo antes de ela nos alcançar e, com um único movimento, ele a pegou e virou a cabeça tão rápido que quase senti falta do som doentio de



crack. Ele largou a mulher no chão, onde ela estava imóvel, com os olhos arregalados de surpresa.

Eu olhei para Beau, quando o terror tomou conta do meu peito. Ele fez isso com ela sem sequer pensar. Sem sequer parar, sem nenhum esforço, ele terminou a vida de outra pessoa.

Afastei-me dele lentamente enquanto lágrimas corriam pelo meu rosto. Beau era um monstro. — Apenas me deixe em paz. Por favor, não vou dizer nada.

— Millie. Ele deu um passo mais perto de mim, estendendo a mão em minha direção.

— Pare aí, eu disse. — Você a matou. Você nem precisou tentar, nem precisou de nenhum esforço. Ela está morta. Eu estava histérica, frenética.

— Eu tive que proteger o que é meu, disse ele.

— Do que você está falando? Eu perguntei. Ele era tão ilusório quanto à caçadora louca. "Eu não pertenço a você, não pertenço a ninguém!"

— Millie, você não sente? Essa ligação entre nós

— É verdade? Eu perguntei. — Você é o que ela disse que é? Agora que estávamos sozinhos, na penumbra, eu podia ver as presas ainda mais claramente do que antes. Eles não pareciam um truque da minha imaginação.

— Sim.

— Então você é um... Eu não podia dizer a palavra em voz alta, era inacreditável demais, e se eu falasse em voz alta, eu estaria tornando isso real, dando-lhe poder.



— Sim, ele disse. — Eu sou um vampiro. Mas isso não significa que não podemos ficar juntos.

— Você é louco, eu disse. — Nós nem nos conhecemos. E se você é o que diz ser, não há como estarmos juntos.

— Por favor, dê-me uma chance.

— Eu preciso de uma carona para o hospital e nunca mais quero falar com você, eu disse.

Eu sabia que deveria me preocupar em ficar sozinha no carro com ele ou perguntar alguma coisa depois de recusá-lo. Mas algo me disse que ele não me machucaria. E uma pequena parte de mim não estava pronta para deixá-lo ainda. O que era loucura. Ele era um monstro. Um matador. Eu tinha que me afastar dele. Não é?

Era irracional, eu acabei de vê-lo matar alguém, deixando-me saber que ele era totalmente capaz de violência. Mas eu sabia, sabia que podia confiar nele e odiava esse sentimento. — Você vai me ajudar?

— Qualquer coisa para você.



CAPÍTULO NOVE

Millie

Eu estava lamentando minha decisão de ir ao chá de bebê de Brittany. Até agora, eu tive que explicar meu ataque seis vezes. E aqui veio o número sete. — Eu não tenho ideia do por que ela me levou. Ela era louca.

— Você deve ter ficado aterrorizada, disse Ashley, irmã de Brittany. — Ouvi dizer que ela te drogou depois que ela nocauteou os caras no Sully's.

— Sim, é verdade, eu disse.

— Graças a Deus Beau apareceu, disse ela.

— Eu sei, eu disse, forçando um sorriso. — Foi realmente uma sorte.

— Ashley, deixe-a descansar, disse Brittany, alto o suficiente para que toda a sala ouvisse. — Ela já passou o suficiente.

Eu sorri um sorriso genuíno para minha velha amiga enquanto ela guiava sua irmã intrometida para longe de mim. — Eu vou pegar um ar.

— Não demore muito, Millie Mae, estamos cortando o bolo em breve! Ashley disse.

Acenei quando saí da sala. Eu me vi acordando no santuário e me sentando em um banco na parte de trás. Eu olhei para a cruz gigante atrás do púlpito, imaginando se a fé em Deus me ajudaria agora.



FOREVER MAGNOLIA

Fazia quatro dias desde o ataque e eu ainda estava dolorida por meus ferimentos. Mais do que isso, porém, eu estava confusa. Apesar da minha falta de crença em qualquer coisa, na verdade, recebi evidências muito claras de que os vampiros existiam. Se eles existiam, o que mais havia lá fora? Era como se todo o meu entendimento do universo fosse invalidado.

Por mais que eu desejasse que minha melancolia atual se limitasse a me perguntar sobre vampiros, parte de mim ainda estava pensando em Beau. Ele matou alguém para me proteger e eu gritei com ele.

Depois que ele me deixou no hospital, ele conversou com a polícia por mim para que eu pudesse descansar. Ele cuidou de tudo. Então ele foi embora, exatamente como eu pedi. Então, por que eu estava pensando nele com tanta frequência?

Quero dizer, não era normal que um cara se interessasse tanto por você depois de uma pequena reunião. Foi assustador. Perseguidor e assustador. Era o tipo de coisa sobre a qual fomos avisados pelos filmes da Lifetime.

Recostei-me no banco. Mesmo sem um sermão para ouvir, era impossível ficar confortável aqui. Eu tinha certeza de que era essa a intenção. Para impedir que você cochile durante a missa.

Ouvi as portas se abrirem, mas não olhei para trás. Provavelmente era alguém para me arrastar de volta para o chá de bebê. Ou perguntar-me sobre minha experiência de quase morte. Eu meio que desejei que os olhos



roxos ainda estivessem tão ruins quanto no primeiro dia. Ninguém estava disposto a falar comigo então. Agora que eu estava na fase de machucados amarelos, todo mundo queria a peça por peça.

Um grupo de pessoas passou por mim, todos vestidos de preto.

Eu me endireitei, franzindo a testa enquanto estudava os recém-chegados. Nenhum deles era local. E eles estavam todos vestidos da mesma maneira. Jeans e jaquetas de couro preto. Pareciam uma gangue de motoqueiros. Ou isso, ou eles vieram de um ensaio do *West Side Story*.

Todos os quatro se ajoelharam na frente do santuário, de cabeça baixa em oração. Deslizei para o final do banco e olhei para eles. Algo estava errado sobre isso. Isso não era normal.

Então, notei as alças enfiadas em seus cós. Eu já tinha visto cabos de faca idênticos assim antes. Na caçadora que me atacou.

Levantei devagar e dei alguns passos mais perto deles. Um deles ajustou sua posição e pude ver a parte superior de uma estaca de madeira ao lado do cabo da faca.

Essas não eram pessoas comuns. Estes eram caçadores e só poderia haver uma coisa que eles estavam atrás. Eu tinha que avisar Beau.

Ele ainda me aterroriza, mas ele salvou minha vida. E enquanto eu não tinha certeza de onde eu estava com os vampiros, eu não iria deixar um grupo de assassinos ir atrás daquele que salvou minha vida. De qualquer modo, ver os



caçadores orando na igreja solidificou minha crença e eliminou as dúvidas remanescentes. Mesmo com as coisas pelas quais passei, ainda passei a maior parte dos últimos dias dizendo a mim mesma que nada disso era verdade. Foi assim que minha cabeça lidou com o trauma do ataque.

A esperança de que tudo isso estava na minha imaginação foi abalada por esses caçadores. Os vampiros eram reais. Eu conhecia um. E ele estava meio obcecado por mim.

Lembrei-me de quão poderoso Beau era e do fato de ele me levar ao hospital e explicar tudo à polícia para que eu pudesse descansar.

Ele não tinha me sequestrado como um dos caçadores, e até onde eu sabia, Beau só me tratou com respeito. Se tivesse a escolha entre um vampiro ou um caçador, eu estava do lado do vampiro.

Silenciosamente, voltei ao chá de bebê, imaginando que era mais seguro estar perto de um grande grupo de humanos do que estar vagando sozinha. Se esses caçadores procurassem uma isca, eu não seria uma novamente. Eu não tinha certeza se poderia sobreviver a outro encontro como esse. Apenas o pensamento disso fez meu rosto doer.

Enquanto as fatias de bolo eram passadas e os presentes eram abertos, tudo que eu conseguia pensar era em como eu ia avisar Beau que tinha uma emboscada esperando por ele. Eles provavelmente sabiam exatamente onde ele morava e havia quatro deles e apenas um dele.



Eles iriam direto para a casa dele agora? Eles estariam esperando do lado de fora quando ele saísse ? Eu não tinha certeza do que era e não era real quando se tratava de vampiros. Era verdade que eles só podiam sair à noite? Era verdade que eles não gostavam de alho, água benta ou qualquer uma dessas coisas?

Obviamente, a estaca no coração era verdadeira, caso contrário esses caçadores não os carregariam. Mas, para ser sincero, uma estaca no coração também mataria um humano.

Enquanto eu pensava nessas coisas, me dei conta de que não estava pensando em maneiras de machucar um vampiro para minha própria proteção. Eu estava tentando entender os caçadores para aprender mais sobre seus planos e detê-los. Isso me deu ainda mais combustível para encontrar uma maneira de ajudar Beau. Se eu pudesse alcançá-lo antes deles, talvez ele pudesse voar para longe, sair por um túnel, ou alguma coisa. Eles se transformam em morcegos? Eu não tinha ideia de quais eram seus poderes, do que ele era capaz. Eu sabia que ele era forte, mas ele enfrentaria quatro caçadores ao mesmo tempo?

Quando a festa terminou, eu ainda não tinha certeza do que ia fazer. Eu fiz o gesto de me despedir, forçando um sorriso no rosto enquanto dava abraços obrigatórios a todas as garotas que eu conhecia no ensino médio.

A simpatia por meus ferimentos provavelmente os impediu de fazer muitas perguntas pessoais sobre meus relacionamentos fracassados e o fato de eu ter voltado para



casa cinco anos depois de sair. Os olhares de pena que eu estava recebendo eram mais sobre os olhos roxos e hematomas do que sobre minha outra situação. De certa forma, o ataque impediu algumas das conversas embaraçosas que eu não queria ter.

Eu apertei minha mandíbula, horrorizada comigo mesma por pensar uma coisa dessas. Não havia nada de bom em ser amarrado e torturado. Eu precisava enfrentar o meu passado e não evitá-lo. Isso foi parte do motivo de eu estar nessa bagunça em primeiro lugar. Eu tinha uma tendência a ir embora quando as coisas ficavam desconfortáveis. Não dessa vez. Eu me afastei de Beau, sem deixá-lo explicar. Agora, estava na hora de eu acertar.

Eu dirigi para minha casa em vez da dele. Felizmente, minha avó estava em um clube de bridge. Estacionei meu carro e segui o caminho familiar em direção ao cemitério. Eu sabia como chegar à propriedade dele de lá e esperava que um grupo de caçadores que não se importassem com seres sobrenaturais evitasse um cemitério. Com alguma sorte, eu não apareceria no esconderijo deles.

Eu não tinha certeza do que ia fazer quando chegasse lá. Era realmente uma boa ideia invadir a casa de um vampiro enquanto ele dormia? Se for verdade, é claro. No entanto, quanto mais eu pensava sobre isso, mais percebia que nunca tinha visto Beau durante o dia. Nós nos encontramos no cemitério à noite. Ele me resgatou do caçador à noite e me levou para o hospital à noite. Nos últimos dias, eu não o tinha visto pela cidade.



Porém, isso não foi uma surpresa. Eu tinha certeza de que ele estava cumprindo uma agenda noturna baixa ou não, ele estava seguindo meus desejos. Provavelmente foi a coisa mais romântica que um cara já fez por mim quando você realmente pensa sobre isso.

Meu peito apertou e o medo disparou através de mim enquanto eu me perguntava se ele ainda estava lá. Talvez ele tivesse abandonado a casa, afinal, levando o meu pedido para nunca mais vê-lo novamente. Ele me disse que não gostava da casa e que queria passá-la para algum parente e sair.

Eu não me importei no começo, mas agora o pensamento dele desaparecer para sempre estava enviando ondas de pânico através de mim. Eu balancei minha cabeça, silenciosamente me criticando por ter sentimentos emocionais tão fortes por alguém que eu mal conhecia. Alguém que nem era humano. Eu não tinha o melhor histórico com homens, deixe-me apaixonar por um morto-vivo.



CAPÍTULO DEZ

Millie

Havia cerca de uma hora da luz do dia quando cheguei ao ponto que supunha que se tornasse propriedade de Miller. Foi um pouco mais fácil andar com sapatos dessa vez, mas isso não me fez sentir melhor. Meu coração estava batendo muito mais forte do que o necessário para antecipar um salto a qualquer momento. Eu realmente não gostei desses caçadores ou como eles estavam estressados e sobrecarregados. Além disso, havia toda aquela coisa de tentar matar pessoas.

Eu não estava bem com isso também.

Eu podia ver a casa dos Miller agora, sua bela arquitetura colonial contrastando com a iminente sensação de desgraça que pairava no ar. Eu não queria chamar a atenção para mim mesmo se os caçadores estivessem esperando para entrar. Entrar na porta da frente não seria uma possibilidade. Isso chamaria muita atenção. Como havia quatro caçadores, a porta dos fundos tinha a mesma probabilidade de ser guardada. Ou seja, se já não estavam em casa.

Não havia escolha. Eu tive que entrar por uma janela e torcer para que eles não estivessem dentro. Eu realmente desejei ter pensado mais nisso antes de tentar invadir a casa de um vampiro.



Uma fileira de magnólias se alinhava em um lado da casa. Eu rastejei de árvore em árvore, respirando o perfume das flores que cheiravam a casa. Eles não tinham magnólias em Chicago, era uma das poucas coisas que eu tinha perdido naquele lugar. Eu me movi lentamente, parando com frequência para olhar ao meu redor, antes de me mover novamente. Meu progresso foi lento, e cada lampejo de movimento e cada farfalhar de folhas enviaram novas ondas de pânico através de mim. Eu não poderia ser pega por esses caçadores. Uma coisa era um caçador usá-lo como alavanca, tinha que ser muito pior se pensassem que você estava trabalhando com um vampiro.

Essas pessoas parecem completamente loucas e eu não ficaria surpresa se elas me retirassem apenas por associação. Finalmente, cheguei ao lado da casa e vi três janelas no primeiro andar. *Agora, descubra se alguma delas está desbloqueada.*

Quando adolescente, sempre tive o cuidado de manter uma das janelas laterais destrancadas na casa da minha avó. Era a maneira que eu poderia entrar de volta se passasse o toque de recolher ou às vezes em que esquecesse a chave da minha casa. A maioria das pessoas em Hearth nem sequer trancou as portas e eu esperava que essa tendência continuasse na casa de Esther Miller.

Tentei a primeira janela, balançando-a suavemente para o caso de a fechadura ceder por conta própria. Não se mexeu. Cuidadosamente, mudei para a segunda janela. Pressionei meus dedos contra o vidro e empurrei. Para



meu alívio, ela se abriu e senti como se um peso tivesse sido retirado do meu peito. Agarrando a borda, eu me joguei na casa deslizando de cabeça para o quarto em que eu tinha invadido. Aterrissei com um baque desagradável no chão. Meu coração disparou quando eu rapidamente me levantei e olhei ao redor da sala. Eu congelei por um momento, olhando para a porta fechada, esperando que alguém a abrisse e me pegasse.

Depois de alguns longos segundos de silêncio, consegui soltar um suspiro lento. Na ponta dos pés, voltei para a janela, fechando e trancando-a. Eu corri para a terceira janela, que também estava destrancada e rapidamente a corrigi. Não queria tornar mais fácil a entrada dessas pessoas do que já era.

A casa estava silenciosa, e o sempre presente perfume da Chanel Número Cinco permaneceu ao meu redor. Eu sorri, lembrando o cheiro dos abraços de Esther. Cheirava como ela.

Eu estava em um estudo. Percorrendo a sala, notei todos os móveis e decorações. Talvez houvesse algo aqui que eu pudesse usar como arma. Tudo o que vi foi uma mesa grande, estantes cheias de livros e algumas cadeiras macias em um canto ao lado de uma pequena mesa com uma jarra de líquido marrom. A sala provavelmente tinha sido usada pelo falecido marido de Esther, mas com base na espessa camada de poeira, ninguém estava aqui há muito tempo. Eu fiz uma careta, me perguntando por que ele não poderia ter decorado com espadas ou algo assim.



Sem armas, minha única esperança era encontrar Beau rapidamente e avisá-lo para que ele pudesse fugir. Felizmente, poderíamos evitar cruzar o caminho com os caçadores. Esgueirei-me para a porta e a abri com cuidado, apesar de ainda chiar.

Se eu fosse um vampiro, onde eu iria dormir?

Eu fiquei no corredor, olhando de soslaio no escuro. Cortinas foram desenhadas sobre todas as janelas visíveis. Eu tinha a sensação de que toda a luz do sol matando vampiros era verdade. Agora, eu só precisava descobrir onde ele guardava o caixão. Estremeci com o pensamento. *Por favor, não durma em um caixão.*

Supus que o porão fazia mais sentido, mas não achei que a casa de Esther tivesse um porão. Nossa casa tinha uma adega, mas você não podia acessá-la por dentro. Se eu fosse um vampiro em uma casa enorme como essa, provavelmente me instalaria em um dos quartos de hóspedes. Tentei me lembrar de volta à turnê que tive na primeira noite em que estive aqui. Havia algumas salas cheias de lixo, o antigo quarto de Esther e um quarto de hóspedes. O único quarto de hóspedes era o único lugar que não estava cheio de séculos de lixo. Foi a minha melhor aposta. A menos que ele estivesse dormindo no quarto da mulher morta. Um calafrio se espalhou pelos meus braços. Tecnicamente, Beau estava morto, não estava? Tive a sensação de que a morte não o assustou tanto quanto a maioria das pessoas. Ainda assim, o cheiro do perfume que enchia cada centímetro da casa



provavelmente era insuportável em seu quarto. Eu sabia que escolheria outro lugar.

Eu me arrastei até as escadas, depois as subi lentamente, parando toda vez que as tábuas do chão gemiam, esperando meu coração desacelerar antes de começar a andar novamente. Pelo que eu sabia, os caçadores já estavam aqui, e se não estavam, ainda há o fato de que eu tentaria acordar um vampiro. Eu realmente, realmente, realmente esperava que ele não fosse uma daquelas pessoas que ficam chateadas quando alguém as acorda. Eu tinha uma colega de quarto na faculdade que costumava jogar sapatos em mim se tentasse acordá-la para a aula. Deixe-me dizer-lhe que explicar um olho roxo na primeira semana de faculdade não é um bom momento.

Eu espiei no quarto escuro e dei meus olhos um segundo para me ajustar. Os corredores estavam escuros, mas aqui estava tão escuro quanto à noite.

Pude ver o contorno vago de uma cama e percebi que as cortinas extras haviam sido adicionadas para bloquear todos os raios de sol. Tive a sensação de que estava no lugar certo. Cuidadosamente, abro a porta o suficiente para poder passar e atravessar o limiar. Esgueirar-se para um vampiro não estava no topo da minha lista de desejos, mas lá estava eu. Enquanto eu debatia entre falar para dar um aviso avançado ou tentar encontrá-lo e sacudi-lo gentilmente no escuro, um leve movimento chamou minha atenção. Eu me virei bem a tempo de notar um lampejo de algo grande vindo em minha direção. Meu grito ficou preso na minha garganta



quando eu congelei e me preparei para o impacto. Beau estava parado na minha frente, eu não podia vê-lo claramente, mas pude ver sua forma já familiar. Embora ele tivesse se movido rapidamente para chegar até mim, ele não tinha me tocado.

— O que você está fazendo aqui? Ele perguntou.

— Havia caçadores, eles vieram para a igreja. Eu vim para avisar você. Minhas palavras saíram entre respirações ofegantes. No fundo, eu ainda sabia que ele não me machucaria, mas ele estava me aterrorizando estando tão perto assim.

Eu não conseguia ver sua expressão, mas o silêncio pesado na sala e a maneira como ele se moveu enquanto se afastava de mim me diziam que não estava feliz com essa notícia. Ele acendeu uma luz e eu levantei a mão para proteger meus olhos para que eles pudessem ajustar melhor a iluminação repentina. Depois de piscar algumas vezes, abaixei minha mão.

Beau estava encostado na parede perto do interruptor de luz, os braços cruzados sobre o peito. — Que caçadores?

— Havia quatro deles, eles estavam vestidos exatamente como aquele que me levou. Eu me mantive firme, sentindo-me estranhamente atraída por ele, mas ainda aterrorizada. Ele era um vampiro. Um vampiro muito sexy. E por mais que eu quisesse estritamente temê-lo, senti uma atração estranha por estar perto dele.

— Eles vieram buscar a amiga, disse ele. — Eles não a encontrarão.



— Eu acho que eles vieram atrás de você, eu disse. — Aquela mulher louca me disse que estava te rastreando há um ano. Você não acha que ela teria contado a alguém sobre você e sobre onde ela estava?

Beau rosnou e deixou cair às mãos para o lado.

— Malditos caçadores, não sabem quando deixar para lá.

— Você precisa sair daqui, eu disse. — Assim que escurecer, apenas corra.

— Não terminei meus negócios aqui, não estou correndo para lugar nenhum, disse ele.

— Você disse que nem sequer quer esta casa, eu disse. — Talvez seja hora de deixar para lá.

— A casa não é meu negócio inacabado, disse ele.

Ele não me mencionou nessa declaração, mas eu sabia que era o assunto inacabado dele. Abri minha boca, pretendendo dizer a ele para me deixar ir, que nada nunca iria acontecer entre nós, mas eu não conseguia dizer as palavras. Não fazia sentido. Nós mal nos conhecíamos, eu não deveria me sentir assim sobre ele, especialmente sabendo o quão perigoso ele era.

O som de vidros quebrando perfurou o silêncio entre nós. Meu coração batia forte no peito e me virei para a porta, meio que esperando ver um dos caçadores aqui.

Beau se moveu na minha frente, estendendo os braços de cada lado, como se estivesse pronto para tomar sua última posição para me proteger.



Eu passei por ele. — Você sabe que eu posso me cuidar, certo?

— Estes são caçadores treinados, você não tem ideia do que está fazendo, disse ele.

— Ainda há meia hora de luz solar, eu disse. — Entre nós dois, quem tem mais chances de precisar de proteção?

Mais cacos de vidro enquanto os caçadores continuavam quebrando todas as janelas que podiam encontrar. Claramente, eles estavam tentando usar a luz do sol como arma. E era apenas uma questão de tempo até que eles nos encontrassem e tentassem a mesma coisa nesta sala.

— Estamos presos.

— Estou preso, você pode ir e passar por eles, insistiu Beau.

— Tem alguma arma por aqui? Eu perguntei.

— Isso vem da garota que está furiosa comigo por quebrar o pescoço do último caçador? Ele perguntou.

— Ei, eu sei como me defender, e não vou deixar esses fanáticos derrubarem você. Eu sabia que valia a pena salvar Beau. E até onde eu sabia, os caçadores eram os bandidos.

— Eu vou lutar por você.



CAPÍTULO ONZE

Beau

Eu ainda estava tentando superar o fato de Millie estar parada na minha frente, na minha casa, quando o copo quebrou no andar de baixo. Eu sabia que os caçadores estavam aqui e sabia que ela estava em maior perigo do que imaginava.

Millie era dura, isso estava claro. Ela resistiu ao ataque brutal do caçador que a capturou melhor do que a maioria dos humanos. Mas isso não significava que eu queria colocá-la em algo que a prejudicasse novamente. Passei os últimos dias me espancando, tentando encontrar uma maneira de chegar a um acordo com ela nunca fazer parte da minha vida ou convencê-la de que eu era alguém que vale a pena conhecer. Era uma situação terrível e algo que eu não estava acostumado.

Eu não conseguia me lembrar de conhecer uma mulher em todos os meus 300 anos que chegou tão longe na minha pele. Tudo que eu sabia era que precisava protegê-la. Com todas as janelas quebradas abaixo, eles estavam eliminando minha vantagem. Eu sabia que era uma máquina de matar perfeita, apesar de minhas tentativas de reprimir minha própria natureza. Eu poderia lidar com quatro caçadores. Adicione a luz do sol e eles apenas aumentaram a aposta, dando a si mesmos a única vantagem que tinham.



Eu tinha certeza de que eles também estavam carregando todos os equipamentos de caçadores necessários, e atualmente atando o ar com bastante alho e água benta para torná-lo extremamente desconfortável para mim.

Millie perguntou sobre armas, mas eu não a queria lutando. Fui até o armário da sala e abri a porta, esperando encontrar algo que pudesse atuar como uma barreira à luz do sol. Alguns cobertores velhos e alguns casacos de inverno femininos que nunca me serviriam estavam no canto de trás. Eu supunha que poderia tentar enrolar cobertores em volta de mim, mas não seria muito bom em lutar se estivesse embrulhado como um abominável homem da neve.

— Use-me como uma distração, disse ela. — Você está tentando encontrar coisas para bloquear o sol, certo?

Inteligente e bonita, não admira que eu não conseguisse tirá-la da minha cabeça. — Eu não tenho muito com o que trabalhar aqui, mas não vou mandá-la para lá com eles. Você esteve lá da última vez. Olhe para você, você ainda está se recuperando.

— Eles acham que você é um monstro, disse ela.

Ouvir essas palavras da boca dela fez meu peito apertar. Eu era um monstro. Se realmente me importasse com ela, sairia e nunca mais a veria. Eu simplesmente não era forte o suficiente para me segurar.

— Você é? Ela perguntou.

— Eu posso ser, eu disse. — Mas eu nunca machucaria você.



— Você os mata? As pessoas de quem você bebe? Ela perguntou, então mordeu o lábio inferior.

Um novo desejo surgiu através de mim quando eu olhei para seu lindo rosto. Eu queria abraçá-la, dizer que tudo ficaria bem. — Eu fiz, no passado. Mas não faço mais. Por alguma razão, eu tinha que ser honesto com ela. Eu sabia que não era exatamente o que ela queria ouvir, mas não havia como eu mentir para ela.

— Todos temos partes sombrias do nosso passado, disse ela. — Existe alguma coisa aí que você possa usar para me amarrar?

— Por que eu amarraria você? Eu perguntei.

Mais cacos de vidro, seguidos de vaias e gritos dos caçadores no andar de baixo. O desfrute deles da destruição estava nos dando tempo extra, mas em breve eles teriam fome de matar.

— Eles estarão aqui em cima a qualquer momento. Faça-os pensar que você é o monstro que eles pensam que você é. Faça-os pensar que eu sou a vítima, enquanto eles estão atrasados comigo, você pode sair.

— Você tem certeza? Eu perguntei. — Eu não posso deixá-los machuca – la novamente.

— Pare de perder tempo. Ela se aproximou da cama e se encostou contra um dos postes altos. — Me amarre.

Minha mandíbula apertou. Eu queria brigar com ela, mas ela estava certa. Nosso tempo foi limitado. Rapidamente, vasculhei o armário e puxei todos os cobertores que pude encontrar e rapidamente fiz todos os esforços para amarrá-la



com nós dos quais ela podia sair. Precisava parecer bem, mas eu queria que ela fosse capaz de fugir. A última coisa que peguei foi um canivete na gaveta da cômoda. Coloquei-o na palma da mão e fechei os dedos em torno dele. — Se eles te machucarem, lute de volta.

— Eu vou.

— Eu não estarei longe, eu disse.

— Sim, você vai, disse ela, aço por trás de suas palavras. — Você precisa dar o fora daqui. Vá para algum lugar seguro.

Passos estavam subindo as escadas. Não havia mais tempo para discutir com ela. Saí da sala e entrei em uma das salas que estava cheia de lixo. Eu me senti um covarde quando me escondi atrás de uma montanha de bonecas antigas, velhos jogos de tabuleiro e caixas de papelão que pareciam não ter sido tocadas há décadas. Ela só precisava distraí-los por dez minutos. Se ela pudesse mantê-los lá por dez minutos, o sol estaria baixo o suficiente e eu poderia ir a qualquer lugar da casa. Janelas quebradas ou não, eu estava vindo para ela. E se eles machucassem um cabelo na cabeça dela, eu garantiria que eles sofressem.

Millie

Eu gostaria de ter pedido a Beau que me amordaçasse antes que ele fosse embora, não tinha certeza de que



tivéssemos feito parecer real o suficiente antes de ficarmos sem tempo.

Nem mesmo cinco segundos depois que ele desapareceu pela porta, todos os quatro caçadores entraram na sala. Eu olhei para eles, fazendo o meu melhor para parecer grogue e drogada. Eu não tinha certeza de como o cativo de um vampiro deveria se comportar, mas, considerando que eles haviam me drogado, provavelmente não estava fora do seu reino de expectativa acreditar que o monstro que estavam perseguindo fizera o mesmo com sua vítima.

Eu olhei para eles, deixando minha cabeça rolar de um lado para o outro, fingindo dificuldade em permanecer consciente. — Por favor, não me machuque.

Eu me forcei a lutar com a fala, tornando minha respiração mais exagerada do que eles precisavam ser. — Por favor, não me machuque.

A linguagem corporal do caçador mudou, passando de tensa e armada para sem medo. Eu era uma garota humana amarrada, que tipo de risco eu poderia ser? Quando eles se aproximaram de mim, eu me afastei deles, ficando pequeno. — Não me machuque.

— Nós somos os mocinhos. Um dos caçadores entrou na sala, com a mão levantada em falsa rendição. — Nós não vamos machucá-la, você sabe onde está?

— Eu não tenho certeza, eu disse. Lambi meus lábios quando me lembrei de como minha boca estava seca da última vez que fui drogada. — Você tem água?



— Chris, vá procurar água para ela, o homem chamou atrás dele.

— Um dos caçadores saiu da sala.

— Você sabe que dia é hoje? O homem perguntou.

— Quinta, sexta? Eu não tenho certeza, eu disse.

— Você sabe onde ele foi? a voz de uma mulher perguntou. ”A pessoa que te levou”?

— Alguém entra quando está escuro, eu disse. — Por favor, me tire daqui antes que escureça.

— O caçador que havia se aproximado de mim começou a trabalhar e em três das minhas restrições. — Qual o seu nome?

— Millie. Ele se afastou de mim e trocou um olhar com seus colegas. Eu acho que eles já ouviram meu nome antes.

— Chris voltou com um copo de água. Ele se ajoelhou ao meu lado e levou-o aos meus lábios. Bebi devagar, arrastando o processo.

— Você a tira daqui, vamos checar o resto da casa, disse a caçadora.

— Parei de beber e olhei para a mulher, olhos arregalados. — Não vá. Não me deixe aqui.

— Chris largou o copo de água e virou-se para o líder.

— Não se preocupe, disse ela. — Axel cuidará de você. O resto de vocês está comigo.

Axel, o caçador me ajudando, começou a trabalhar nos nós das minhas restrições. — Vai ficar tudo bem.

— Por favor, não vá, eu disse, tentando mais uma vez adiar a partida deles. — E se ele voltar?



— Nós cuidaremos dele, disse a caçadora. — Ele não será capaz de machucá-la novamente.

Meu coração disparou no peito enquanto Axel trabalhava rapidamente através dos nós. Eu esperava ter dado a Beau tempo suficiente para fugir. No quarto escuro, eu não tinha ideia de onde estava o sol e se estávamos perto o suficiente do pôr do sol para ele escapasse.

Enquanto o caçador me ajudava, eu me inclinei para ele, colocando mais do meu peso nele do que eu precisava. Eu estava realmente trabalhando no ângulo da vítima de sequestro ferido. Eu nem estava tão carente quando realmente fui sequestrada.

— Segure-se em mim, disse ele, passando um braço em volta da minha cintura. — Você está segura agora.

Parte de mim se sentiu mal por enganá-lo, mas eu não queria que eles matassem Beau e uma pequena mentira aqui valeu a pena salvar a vida de alguém.

Algo caiu no chão na sala ao nosso lado e eu pulei. Meu aspirante a salvador olhou em direção à porta. — Vocês estão bem?

Um grito de mulher, depois mais estrondo.

— Espere aqui. O caçador me colocou no chão.

Eu balancei a cabeça e me afastei da porta, me enrolando em uma bola, em parte porque eu estava preocupada com o que estava acontecendo naquela sala.

Eu daria um ou dois minutos até segui-lo. Se Beau ainda estava tentando escapar, eu precisava que eles me deixassem ir, e não me usar como isca novamente. E se ele



estava atualmente matando-os, bem, eu realmente não queria ver isso.

Outro grito atravessou a parede e todos os meus sentidos dispararam ao mesmo tempo. Eu reconheci aquela voz. Beau estava com problemas.

Agindo por instinto, eu me levantei e corri em direção ao som.

Eu os encontrei na sala ao lado da minha, e pilhas de coisas que haviam sido empilhadas no teto estavam agora por todo o chão. Três assassinos estavam imóveis no chão. Um deles tinha Beau preso no chão, uma estaca erguida no ar.

Os cabelos de Beau estavam despenteados e suas roupas estavam rasgadas. Essa luta não tinha sido tão fácil quanto a anterior e, por alguma razão, ele não estava jogando o matador restante fora dele.

Eu tinha que ajudá-lo. Apertando minha mandíbula, preparei-me para o impacto, enquanto corria para o quarto. Joguei meu ombro nas costas da assassina, derrubando-a.

Caí no chão, saltando sobre Beau antes de cair no chão.

Senti alguém me agarrar e me puxar, me arrastando pelas pilhas de lixo. Eu chutei, fazendo contato com quem tinha me segurado e eles afrouxaram o aperto o suficiente para eu me virar e ver a mulher matadora.

— Você escolheu o lado errado, ela assobiou.

— Não, eu não fiz, eu disse, sabendo no fundo, que as palavras eram verdadeiras. Eu sabia que tinha que salvar



Beau. Eu sabia que precisava estar com ele. Não fazia sentido, mas eu não me importei.

Ela me atacou e eu me abaixei, varrendo meu pé para tropeçar nela e enviando-a para baixo.

Beau estava ao meu lado agora. Ele parecia fraco, trêmulo, mas tinha o suficiente para se mover na minha frente, uma faca na mão. — Último aviso, caçadora.

— Você é uma abominação, você sabe disso, disse ela.

— Eu sei, ele disse. — Mas isso não significa que eu quero morrer.

— Você já está morto, disse ela.

— O que diabos há de errado com você, senhora? Eu perguntei. — Ele está lhe dando uma chance de correr. Pegue.

Ela olhou para mim e depois balançou a cabeça. — Sua vida está perdida se você continuar se associando a eles. Só para você saber.

— Anotado, eu disse.

Ela se virou e saiu correndo da sala.



CAPÍTULO DOZE

Millie

Beau caiu de joelhos e se arrastou até uma pilha de caixas que ainda estavam de pé. Ele se recostou contra eles, os ombros caídos.

Eu caí ao lado dele. — Você está bem?

— Eu ficarei bem. Ele estendeu a mão em direção ao meu rosto e roçou os dedos na minha bochecha. — Você está machucada?

Eu balancei minha cabeça. — Como você fez isso?

— Ele levantou uma sobrancelha.

Fiz um gesto para os corpos caídos ao nosso redor.

— Eles não sabiam o que estavam fazendo. Ele balançou sua cabeça. — Eles recrutam essas pessoas que não têm ideia de onde estão entrando.

— Você não gosta de fazer isso, eu disse. Matar pessoas.

— Millie, eu posso ser um monstro, mas não estou sem compaixão. Ele caiu mais, a testa franzida como se falar estivesse exigindo muito esforço.

— Você não está bem, eu disse. — O que eu posso fazer?

— Não é nada, disse ele. — Eu só preciso me alimentar. Eu tenho sangue na geladeira no andar de baixo. Isso provavelmente soa horrível.

— Não soa bem. Eu não sabia nada sobre vampiros, não realmente . Mas parecia que nos filmes eles sempre preferiam a coisa real. — E quanto a mim?



— Você não precisa fazer isso, disse ele.

Estendi meu braço para que meu pulso estivesse abaixo da boca dele. — Você salvou minha vida. É o mínimo que posso fazer.

— Você tem certeza? Ele perguntou.

Eu levantei meu braço mais perto de seus lábios.

Ele se inclinou e, um momento depois, senti uma dor aguda e rápida, como uma picada de inseto enquanto suas presas perfuravam meu pulso. A dor diminuiu tão rapidamente que eu não tinha muita certeza de que realmente havia acontecido.

Ele bebeu de mim e a cada segundo que passava, comecei a sentir algo estranho surgindo por dentro. Uma emoção avassaladora correu através de mim como um maremoto.

Quando Beau se afastou, vi que sua expressão era exatamente o que a minha provavelmente mostrava. Surpresa, medo, paixão.

Era como se algo clicasse e eu sentisse uma conexão com ele que nunca havia sentido com ninguém antes. "Beau".

— Eu também sinto. Ele passou os dedos pelos meus cabelos e puxou minha cabeça para mais perto dele.

Quando nossos lábios se tocaram, eu sabia que era para ser dele. Nós éramos uma alma em dois corpos. Esperamos que nossas vidas inteiras estivessem juntas.

— O que isso significa? Eu perguntei.

— Isso significa que somos as pessoas mais sortudas do mundo. Encontrar o seu único companheiro não é fácil. Nem



todo mundo consegue experimentá-lo. Estamos destinados a ficar juntos, disse Beau.

Meu coração batia forte no peito e o sangue corria nos meus ouvidos. Só estar perto de Beau era intoxicante. A parte lógica de mim queria argumentar que não havia vínculo de união. Eu não acreditava em almas gêmeas. Mas não havia como negar o que eu estava sentindo. Não poderia ser explicado por meios normais.

Havia apenas uma coisa que nublava minha euforia.

— Isso significa que eu tenho que me tornar um vampiro?

— Só se é isso que você quer, disse ele.

Eu olhei ao redor da sala. Ainda estávamos cercados pela morte. Ser um vampiro significava que eu teria que deixar um rastro de corpos para trás? — Eu não sei o que quero.

Beau parecia saber o que eu estava pensando. Ele se levantou, depois ofereceu a mão. — Vamos sair daqui.

— E todos eles? Fiz um gesto para os caçadores mortos.

Vou fazer uma ligação. Eles vão mandar alguém para cuidar disso.

Eu estremeci. Eu não estava de luto pela perda dos caçadores que tentaram matar Beau por nenhuma outra razão além da existência dele, mas era muito para absorver.

Beau me levou para fora da sala e descemos as escadas silenciosamente. O dano do ataque foi maior do que eu previa. Além de quebrar todas as janelas, os caçadores



tinham rasgado as cortinas, cortado os tapetes e derrubado todos os móveis que pudessem encontrar.

— Sinto muito, eu disse.

— Não é uma grande perda, disse Beau.

— É história da família, eu disse, surpresa com o quanto eu parecia minha avó.

— Eu nunca me importei em me debruçar sobre objetos. Isso não muda o fato de que as pessoas que fizeram o lugar não estão lá.

Eu me virei para olhar para Beau. Ele parecia sincero. Como foi que eu nunca conheci alguém que entendesse exatamente como eu me sentia sobre a propriedade da minha família até agora?

— O que foi? ele perguntou gentilmente.

— Estou muito feliz por ter estado no cemitério naquela noite. Era uma loucura acreditar que havia encontrado minha peça que faltava assim, mas lá estava eu. Estávamos no meio de uma confusão depois de uma batalha, mas nada disso importava. Pela primeira vez na minha vida, senti como se descobrisse onde pertencia. Nunca foi sobre se encaixar, foi sobre encontrar a outra metade que eu estava procurando. Com Beau eu me sentia em casa.

Eu fiquei na ponta dos pés e joguei meus braços sobre seus ombros. — Obrigado por salvar minha vida.

— Obrigado por salvar a minha, disse ele.

Ele abaixou o rosto e nossos lábios se encontraram. Nada mais importava desde que estivéssemos juntos. **FIM.**



GLOSSÁRIO

[1] O New Orleans Saints é um time profissional de futebol americano baseado em New Orleans, Louisiana. Os Saints atualmente competem na National Football League como um membro da NFC South. A equipe foi fundada por John W. Mecom Jr., David Dixon e pela cidade de Nova Orleans em 1 de novembro de 1966.

[1] Programa de TV, onde Buffy é uma jovem que faz parte de uma longa linhagem de guerreiras escolhidas para caçar e destruir vampiros, demônios e outras forças do mal.

[1] West Side Story é um filme de drama romântico americano de 1961, dirigido por Robert Wise e Jerome Robbins. Com roteiro de Ernest Lehman, o filme é uma adaptação do musical de 1957 da Broadway de mesmo nome, que por sua vez foi inspirado na peça de William Shakespeare, Romeu e Julieta. É estrelado por Natalie Wood, Richard Beymer, Russ Tamblyn, Rita Moreno e George Chakiris, e foi fotografada por Daniel L. Fapp em Super Panavision 70.

